

Secretários dos Regionais estudam realidade atual da Igreja e a proposta para as Diretrizes da Ação Evangelizadora



No segundo dia do Encontro dos Secretários Executivos dos Regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado na sede, em Brasília, os participantes dedicaram-se ao estudo da realidade atual da Igreja e do documento de trabalho das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil que será votado pelo episcopado no próximo ano.

Na primeira parte da manhã, o bispo de Petrópolis (RJ) e presidente do Instituto Nacional de Pastoral Padre Alberto Antoniazzi (Inapaz), dom Joel Portella Amado, conduziu a reflexão sobre a conjuntura eclesial. Ele partilhou algumas questões que interpelam os bispos e os demais envolvidos na construção de propostas evangelizadoras com indicações para um caminho de vida comunitária, a importância da comunidade de fé e da iniciação à vida cristã.

“É muito importante refletirmos, conhecermos melhor a nossa realidade para encontrarmos juntos caminhos para a ação evangelizadora. E Dom Joel nos deu inúmeras indicações nesse sentido”, sublinhou o padre Jânison de Sá, subsecretário adjunto de Pastoral da CNBB e um dos organizadores do encontro.

Para a irmã Rosilei Bertoldo, secretária executiva do Regional Norte 1 da CNBB, a reflexão sobre a realidade atual da Igreja “ajuda a entender o processo de evangelização na Igreja no Brasil, mas também como a gente caminhar nos regionais a partir da especificidade de cada regional”. Essa compreensão, continuou, permite perceber “que cada vez mais a gente tem que aprofundar sempre essa dinâmica da sinodalidade, da dimensão evangelizadora nos nossos espaços de missão”.



Diretrizes da Ação Evangelizadora

Na segunda parte da manhã, o arcebispo de Santa Maria (RS) e presidente da Comissão que prepara o texto das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, dom Leomar Antônio Brustolin, apresentou a última versão das novas Diretrizes, um instrumento de trabalho que já passou pelo Conselho Permanente em novembro e será enviado a todos os bispos.

“Dom Leomar aprofundou o novo esquema do futuro documento que será aprovado pelos nossos bispos em abril e também abriu a discussão para colher sugestões, reflexões e questionamentos. Foi muito muito enriquecedor de partilha de ambas as partes”, contou padre Jânison.

Os secretários executivos da CNBB ressaltaram a oportunidade que tiveram ao aprofundar e ter presente no texto das Diretrizes as contribuições que vieram dos próprios regionais e que foram incluídas no documento como instrumento de trabalho.

À tarde, o grupo refletiu sobre Evangelização e organização pastoral na Igreja do Brasil e sobre o trabalho conjunto com os assessores nacionais da CNBB. Os representantes dos regionais puderam também compartilhar, em mesas de diálogo, do trabalho desenvolvido pelas Comissões Episcopais da CNBB.



Fonte: CNBB

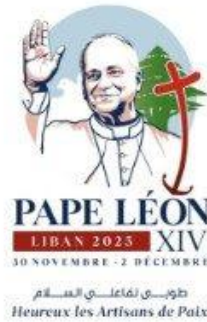
Voz de paz e esperança, a viagem de Leão XIV à Turquia e Líbano

O diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni, ilustra a primeira Viagem Apostólica de Leão, que inclui Ancara, Istambul e Beirute, com uma etapa em İzmit, nome atual da antiga Niceia, para comemorar o 1700º aniversário do Concílio. Esta peregrinação tem uma forte dimensão ecumênica, com foco também no diálogo inter-religioso. "Será uma oportunidade de estar perto das comunidades cristãs e das populações", disse ele. "Adotadas todas as medidas necessárias" para garantir a segurança.

Salvatore Cernuzio - Cidade do Vaticano

Diálogo e unidade entre cristãos de todas as denominações, proximidade às comunidades forjadas por séculos de história, atingidas por tragédias e tensões antigas e recentes; sem falar da paz, tema "no coração do Papa" desde sua primeira aparição ao mundo e ao longo destes sete meses de pontificado.

O diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni, ilustra os detalhes e, ao mesmo tempo, oferece reflexões sobre a Viagem apostólica do Papa Leão XIV à Turquia e ao Líbano. A primeira Viagem Apostólica do Pontífice estadunidense, da forte dimensão ecumênica, centrada na cerimônia em İzmit (atual nome da antiga Niceia) para o 1700º aniversário do Concílio, e das significativas referências à atualidade, com a presença do Sucessor de Pedro no barril de pólvora do Oriente Médio.



O programa e o logotipo da viagem do Papa à Turquia e ao Líbano

A Sala de Imprensa da Santa Sé divulgou o programa oficial e os logotipos da primeira viagem apostólica de Leão XIV aos dois países do Oriente Médio, com uma parada em Iznik, atual ...

Viagem empenhativa a dois países significativos

"Uma viagem empenhativa a dois países significativos", afirmou Bruni no briefing desta terça-feira, 25 de novembro, aos jornalistas que acompanham Leão XIV em sua viagem.

Países com tradições antigas: a Turquia, onde nasceu São Paulo, cenário dos oito primeiros Concílios, ponte entre mundos e continentes diversos; Líbano, berço dos fenícios, um lugar de convivência de representantes de diferentes religiões e de acolhida para pessoas que fogem da guerra e do terrorismo. Ao mesmo tempo, uma terra desfigurada pela pobreza e crises de vários tipos, da explosão no porto aos ataques de Israel no sul, o último em 23 de novembro. Motivos esses, que motivaram várias perguntas dos jornalistas sobre questões de segurança: "Foram levadas em consideração todas as preocupações consideradas necessárias", assegurou Bruni.



23/11/2025

In unitate fidei: a Carta Apostólica de Leão XIV sobre o Concílio de Niceia

O novo Documento do Papa, divulgado na Solenidade de Cristo Rei, destaca a centralidade do Credo, o valor da unidade cristã e prepara espiritualmente a Viagem Apostólica do ...

Seguindo os passos dos antecessores

Leone fará uma imersão nessas realidades por cerca de uma semana. Encontrará pessoas, grupos e histórias; terá conversas privadas com os presidentes Recep Tayyip Erdoğan e Joseph Aoun; saudará autoridades civis, religiosas e inter-religiosas; visitará mesquitas e igrejas construídas há séculos ou na década de 1990; irá até a Diyanet turca; rezará no Porto de Beirute, em memória das mais de 200 pessoas que morreram na explosão de 2020. E, acima de tudo, com esta viagem, ele seguirá os passos de seus antecessores: João XXIII, que, antes de sua eleição à Cátedra de Pedro, foi delegado apostólico na Turquia; Paulo VI, que visitou a Turquia em 1976 e o Líbano a caminho da Índia em 1974; João

Paulo II, que viajou à Turquia para revigorar o compromisso "com a unidade de todos os cristãos", e ao Líbano em 1997 (viagem durante a qual cunhou a definição histórica de "País mensagem"), publicando a Exortação Apostólica *Uma Nova Esperança para o Líbano*. Bento XVI, que visitou ambos os países, um no início de seu pontificado e o outro cinco meses antes de sua renúncia. Por fim, o Papa Francisco, que visitou a Turquia em 2014 e pretendia retornar em maio de 2025 para o 1700º aniversário de Niceia, mas não pôde visitar o Líbano, um desejo que acalentou até o fim de seus dias. E de seu predecessor Francisco, Leão assumiu esta primeira "peregrinação" ao coração do Oriente Médio: "Ele herdou essas promessas, fez delas suas", como demonstra a Carta Apostólica *In unitate fidei*, enfatizou Matteo Bruni. "Dois países imersos em história, visitados por quatro Papas, e agora um quinto se junta a eles."

Ecumenismo e proximidade aos jovens

"Há, acima de tudo, uma dimensão ecumênica nesta viagem", afirmou o porta-voz vaticano; depois, há a "proximidade" com os cristãos de todas as denominações que se "reconhecem" no Concílio de Niceia: "uma história complexa e antiga, marcada por divisões e conflitos, de reunificações e tragédias ligadas a eventos históricos". Proximidade também com as "pequenas comunidades" de católicos, algumas das quais "vivem momentos difíceis em meio à emigrações e às tensões". E, nesse sentido, haverá também grande atenção à viagem por parte dos libaneses na diáspora.



25/11/2025

Papa em Niceia é uma mensagem para a unidade de todos os cristãos, diz cardeal Koch

O prefeito do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos comenta a visita de Leão XIV à Turquia, em particular a sua passagem por İznik, onde se comemorará o 1700º ...

Muitos os discursos a serem dirigidos ao Papa. Palavras de esperança neste Ano Jubilar; "muitas perguntas sobre o futuro" vindas dos jovens "em um tempo de fracasso no mundo dos adultos". E com os jovens do Líbano, sobrecarregados por diversos desafios, mas com grande capacidade de resiliência e perseverança, o Pontífice viverá um dos momentos mais significativos com o encontro na praça adjacente ao Patriarcado Maronita de Antioquia, em Bkerké.

O evento em Niceia

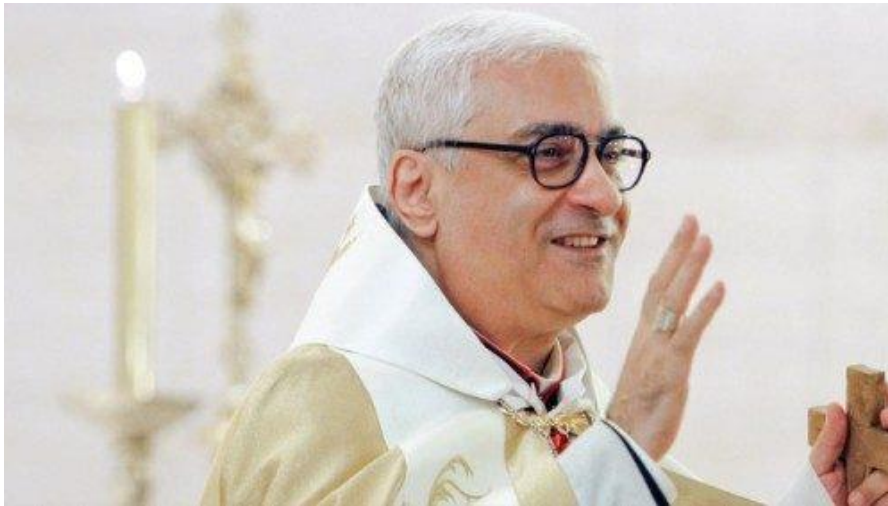
Entre os eventos importantes, Bruni destacou, ao apresentar a programação, a celebração ecumênica em Niceia com o Papa Leão e o Patriarca de Constantinopla Bartolomeu em procissão ao longo da margem do lago em direção às ruínas da Basílica de São Neófito, destruída por um terremoto. Seguir-se-á um momento de cânticos e oração com os patriarcas e representantes das Igrejas cristãs em semicírculo diante dos ícones de Cristo e do Concílio, e o acendimento de uma vela.

Fonte: Vatican News

Arcebispo maronita de Beirute: o Papa aqui no Líbano nos diz que não estamos sós

Dom Paul Abdel Sater aguarda com grande expectativa a iminente visita de Leão XIV ao País dos Cedros, destacando a constante proximidade expressa desde os primeiros dias do ...

Diálogo com outras religiões



Além do ecumenismo, o diálogo inter-religioso também será um componente importante. No dia 27 de novembro, o Papa visitará a Diyanet, a Presidência dos Assuntos Religiosos, um compromisso adicionado posteriormente ao programa inicial. Ele também se encontrará com o rabino chefe da Turquia e terá um encontro privado na Nunciatura em Beirute com os líderes das comunidades muçulmana e drusa.

Muitos, também, serão os momentos memoráveis nesta viagem de seis dias: o Papa depositando uma coroa de flores sob a coluna dedicada ao Pacto Nacional no Mausoléu de Atatürk; "recolhido em oração" sob as abóbadas e azulejos de majólica da Mesquita Azul, e em meio a 4.000 fiéis na Missa na Volkswagen Arena em Istambul. Ou ainda, o Papa plantando um cedro no jardim do Palácio Presidencial em Beirute, rezando no túmulo de tufo e pedra do monge curador São Charbel, ou aos pés da estátua de bronze esmaltado em branco e dourado de Nossa Senhora do Líbano, que parece velar por todo o Oriente Médio.



Um cartaz com fotos do Papa Leão XIV é exibido ao lado da rodovia do aeroporto em Beirute, Líbano, em 20 de novembro de 2025. O Papa Leão XIV visitará o Líbano de 30 de novembro a 2 de dezembro em sua primeira viagem apostólica ao país. EPA/WAEL HAMZEH (ANSA)

Coletiva de imprensa com jornalistas

O Papa fará diversos deslocamentos em carro aberto nos dois países. "A escolha do veículo mais apropriado será feita dependendo da situação", esclareceu Bruni.

No séquito papal, além da delegação habitual, somam-se os cardeais Kurt Koch, prefeito do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos; George Koovakad, prefeito do Dicastério para o Diálogo Inter-religioso e Claudio Gugerotti, prefeito do Dicastério para as Igrejas Orientais.

O Papa falará em inglês durante toda a viagem na Turquia, enquanto no Líbano em inglês durante os encontros oficiais, e em francês durante as celebrações litúrgicas.

Um encontro com jornalistas a bordo do voo papal está previsto para a habitual coletiva de imprensa de encerramento da viagem.

Fonte: Vatican News

Papa em Niceia é uma mensagem para a unidade de todos os cristãos, diz cardeal Koch

O prefeito do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos comenta a visita de Leão XIV à Turquia, em particular a sua passagem por İznik, onde se comemorará o 1700º aniversário do Concílio de Niceia: "Estou muito grato que a cristandade recorde deste Concílio e renove a fé comum."

Christine Seuss - Cidade do Vaticano

Que a comemoração conjunta do 1700º aniversário do Concílio de Niceia seja testemunha que todos os cristãos estão unidos no profundo da fé. Este é o desejo expresso pelo cardeal Kurt Koch, prefeito do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, poucos dias antes da partida do Papa Leão XIV para a Turquia. Em İznik, nome atual da antiga Niceia, o Papa participará de uma cerimônia ecumênica com representantes das comunidades cristãs para comemorar o primeiro Concílio da história. Um evento para a Igreja e o mundo que permanece relevante ainda hoje, como enfatiza Koch.

Eminência, o primeiro Concílio de Niceia foi celebrado há 1700 anos. Por que ele ainda é relevante hoje?

Acredito que são duas as razões. Antes de tudo, este Concílio foi realizado em 325, em uma época em que o cristianismo ainda não era ferido por tantas divisões e separações. Por essa razão, o Concílio diz respeito na realidade a todos os cristãos e pode ser celebrado na comunidade ecumênica. Em segundo lugar, o Concílio definiu e estabeleceu a fé cristã em Jesus Cristo como Filho de Deus, válida para todos os cristãos. Recordar isso e aprofundar juntos essa fé, na amizade ecumênica, é a grande vantagem deste evento.



23/11/2025

In unitate fidei: a Carta Apostólica de Leão XIV sobre o Concílio de Niceia

O novo Documento do Papa, divulgado na Solenidade de Cristo Rei, destaca a centralidade do Credo, o valor da unidade cristã e prepara espiritualmente a Viagem Apostólica do ...

Na época, tratava-se nada menos que a natureza divina de Cristo, e no Concílio de Niceia se discutiu intensamente a este respeito. Quais são as grandes questões do ecumenismo hoje?

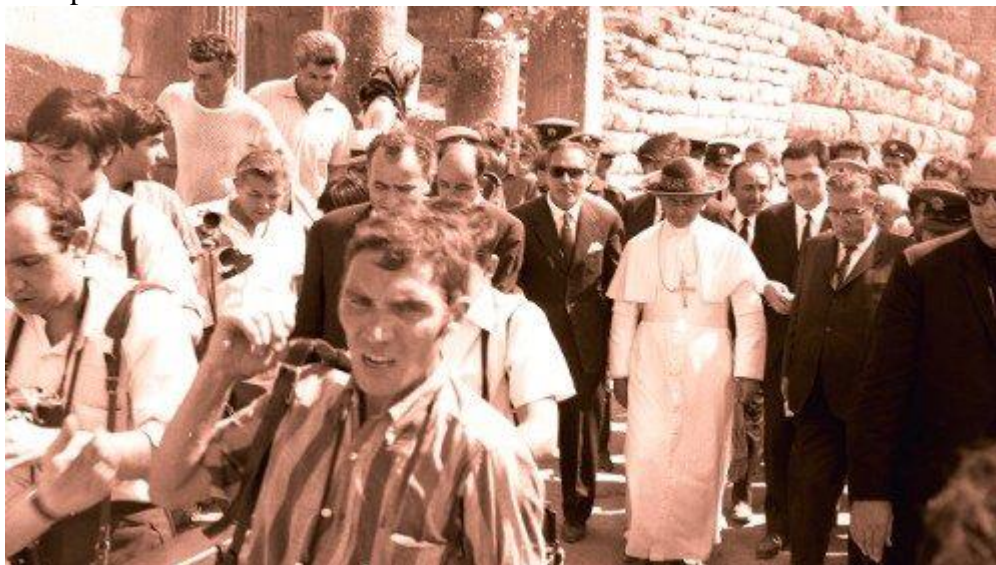
A questão permanece, naturalmente, em aberto, porque acredito que, apesar de toda a diplomacia de que dispomos, podemos encontrar a unidade somente na fé. Encontramos a unidade naquela fé apostólica que é transmitida e confiada a cada novo membro do corpo de Cristo no batismo. E, naturalmente, o Concílio de Niceia é uma grande base sobre o qual a fé foi alicerçada. E aprofundar essa fé novamente — porque a fé na divindade de Jesus não é simplesmente um dado de fato, mas ainda hoje é colocada em discussão — parece-me muito importante.

Para esta grande celebração foram enviados muitos convites, quer da parte católica como ortodoxa. O desejo, asism, de permitir a participação mais ampla possível. Seria possível o senhor nos antecipar quem estará presente e talvez quem não terá esta possibilidade?

Ainda não se sabe com certeza quem irá ou não... Por esta razão, não quero ainda dizer nada a respeito, para não difundir notícias falsas. O objetivo é o de ter o maior número possível de cristãos conosco. Este também é o desejo do Papa Leão XIV, e gostaria de enfatizar esse aspecto... Podemos discutir quem estará presente e quem não poderá ir mais tarde.

Que mensagem o senhor gostaria que nascesse desta comemoração do Concílio?

Um testemunho do fato de que estamos unidos no coração da fé cristã. Isso também corresponde ao maravilhoso lema do Papa Leão XIV, *In Illo uno unum*. Significa que somos muitos, somos diversos, mas somos um em Jesus Cristo. Este lema, que ele escolheu para a Igreja Católica, também se aplica ao ecumenismo.



25/11/2025

Os passos dos Papas na Turquia, terra dos Concílios onde cresce o diálogo pela unidade

A primeira Viagem Apostólica do Papa Leão XIV, inicialmente à Turquia, de 27 a 30 de novembro, e depois ao Líbano, de 30 de novembro a 2 de dezembro, segue os passos dos seus ...

O senhor possui uma longa história de serviço à Santa Sé no campo do ecumenismo. Qual é o seu principal sentimento ao participar deste importante aniversário?

Antes de tudo, fico muito contente em ver como este evento, o 1700º aniversário do Concílio de Niceia, está mobilizando toda a cristandade. Houve muitos simpósios, muitos encontros... Isso me deu muita alegria, e sou muito grato pelo fato de que a cristandade recorde o Concílio e renove sua fé comum.

Após a Turquia, o Papa também viajará ao Líbano. Quais são as suas expectativas para esta primeira Viagem Apostólica do Pontífice, que será acompanhada com grande atenção?

Naturalmente, esta viagem é também uma visita de solidariedade para com as situações difíceis nesses países, tanto na Turquia quanto, especialmente, no Líbano. É um encorajamento para os cristãos: na Turquia, os cristãos são uma pequena minoria; no Líbano, existe uma comunidade cristã diversa, naturalmente com uma forte presença de maronitas, que vivem em uma situação difícil tanto política quanto economicamente. Fortalecê-los e encorajá-los é certamente uma das preocupações do Santo Padre. E, claro, também o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso, o diálogo entre cristãos e muçulmanos, que é muito importante, especialmente no Líbano, porque o presidente é maronita e o primeiro-ministro é muçulmano.

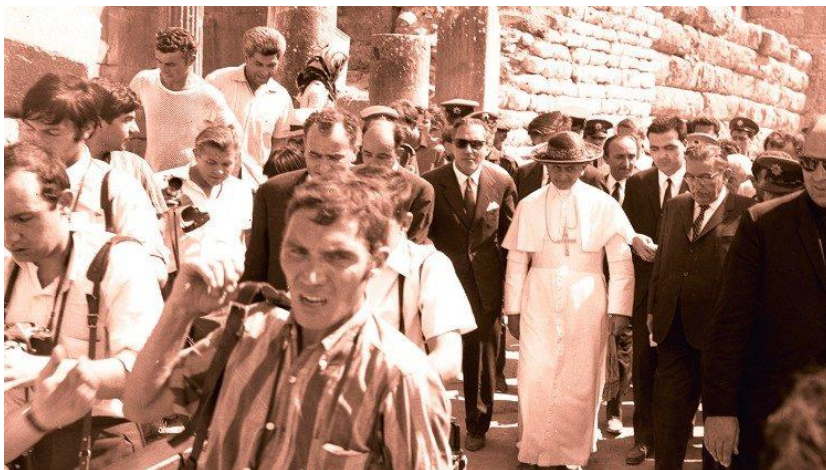
Fonte: Vatican News

Os passos dos Papas na Turquia, terra dos Concílios onde cresce o diálogo pela unidade

A primeira Viagem Apostólica do Papa Leão XIV, inicialmente à Turquia, de 27 a 30 de novembro, e depois ao Líbano, de 30 de novembro a 2 de dezembro, segue os passos dos seus predecessores. Paulo VI se dirigiu a esse país em 1967, João Paulo II em 1979, Bento XVI em 2006 e Francisco em 2014

Amedeo Lomonaco – Cidade do Vaticano

A visita à Turquia é uma viagem às fontes da fé, entre as raízes do cristianismo. Papa Leão XIV é o quinto Pontífice a ir para esse país. A primeira Viagem Apostólica do seu Pontificado, que compreende também o Líbano, inicia-se, de fato, na Turquia, de 27 a 30 de novembro, por ocasião do 1.700º aniversário do primeiro Concílio de Niceia que, 17 séculos depois, ainda permanece atual.



Viagem apostólica de Paulo VI à Turquia em 1967.

O objetivo é o de promover a fraternidade e o diálogo entre o Oriente e Ocidente. O Pontífice realiza o desejo do Papa Francisco de celebrar o aniversário do histórico evento eclesial convocado pelo imperador romano Constantino em 325 d.C.

Na Bula da proclamação do Jubileu, *Spes non confundit*, Francisco enfatiza que o Concílio de Niceia é “um marco na história da Igreja”, e representa também um convite “a todas as Igrejas e comunidades eclesiais a prosseguir no caminho até a unidade visível”.

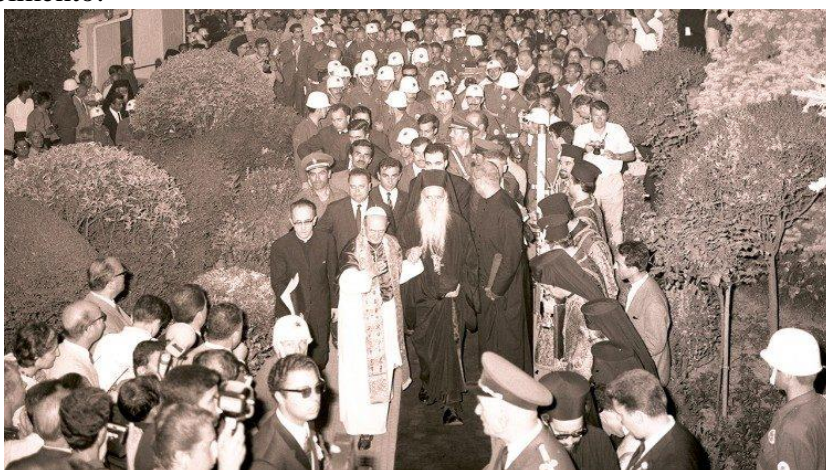
Em Niceia, foi definido o Credo, a profissão de fé cristã. Essa oração marca também um dos momentos centrais da Viagem Apostólica de Leão XIV: o encontro ecumênico nas proximidades das escavações arqueológicas da Basílica de São Neófito, na cidade de İznik, a antiga Niceia, a cerca de 100 quilômetros de Istambul.

A Viagem Apostólica de Paulo VI em 1967

O primeiro a realizar uma Viagem Apostólica à Turquia foi o Papa Paulo VI. A visita histórica, em 25 e 26 de julho de 1967, tem lugar em uma terra que é uma ponte entre a Europa e a Ásia.

No período que precede a chegada do Papa Montini, a expectativa é palpável. Em Istambul, a antiga Constantinopla e grande metrópole do Oriente, onde foram escritas páginas ilustres da história do cristianismo, a comunidade local se prepara para o encontro com o bispo de Roma.

Apesar do impacto do terremoto que atingiu o país em 22 de julho daquele ano, as igrejas ficam repletas de fiéis. São dias em que os católicos e outros cristãos, que se encontraram na localidade de férias, retornam a Istambul, Éfeso e Smirne. Querem estar presentes, escreve o “L'Observatore Romano”, na crônica que precede a chegada do Papa Montini na Turquia para o grande acontecimento.



Um momento da jornada apostólica em 1967.

O abraço com o Patriarca Atenágoras

Uma das primeiras fotos após aterrissagem no aeroporto de Yeşilköy – renomeado em 1980, em homenagem ao primeiro presidente turco Mustafa Kemal Atatürk – é o abraço fraterno entre o Pontífice e o Patriarca ecumênico Atenágoras. Eles já haviam se encontrado, pela primeira vez, em Jerusalém, em 1964.

São imagens indelévels acompanhadas pelas palavras contidas na carta do Papa Montini, dirigidas ao “amadíssimo irmão” Atenágoras. Paulo VI, no documento, exprime “o ardente desejo de ver ser realizada a oração do Senhor. “Que eles sejam um como nós o somos”. “Esse desejo anima uma vontade resoluta de fazer tudo para aproximar o dia em que será restaurada a plena comunhão entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente”, escreve o Papa Montini.

Na cerimônia de boas-vindas, Paulo VI, dirigindo-se ao então chefe de Estado Cevdet Sunay, ressalta ainda que a visita à Turquia pretende ser também “um testemunho da amizade e da estima que a Igreja Católica nutre pelo povo turco”.

Compreender a profunda unidade

Um dos acontecimentos centrais tem como pano de fundo a Igreja patriarcal ortodoxa de São Jorge no Fanar. Ali, Paulo VI foi recebido pelo Patriarca Atenágoras. As suas palavras são uma exortação válida também hoje.

“À luz do nosso amor por Cristo e no nosso amor fraterno um pelo outro, estamos descobrindo cada vez mais a identidade profunda da nossa fé, enquanto os pontos sobre os quais ainda estamos em desacordo não devem nos impedir de compreender essa profunda unidade.”

O Patriarca Atenágoras recorda ainda que o objetivo é “de unir o que está dividido, com mútuas ações eclesiais, em todo o lugar que seja possível, afirmando os pontos comuns de fé e de governo”.

A acolhida de Bento XV

Também no dia 25 de julho tem lugar outro evento muito aguardado. O cenário é a Catedral Católica do Espírito Santo, em Istambul. No pátio da igreja se vê uma estátua dedicada a um Papa e, sob o monumento, pode-se ler a escrita: “Ao grande Pontífice da hora trágica mundial, Bento XV, benfeitor dos povos sem distinções de nacionalidade e de religião, em sinal de reconhecimento, o Oriente (1914–1919)”.

O discurso do Papa Montini, dirigido a bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis se abre exatamente com esse destaque. “Não nos sentimos estrangeiros nesta Igreja, onde sentimos que seguimos os passos dos nossos predecessores. Não foi porventura Bento XV a nos acolher há pouco na entrada? Bento XV, cuja estátua se ergue para recordar às gerações sucessivas o grande coração deste magnânimo Pontífice, que sofreu profundamente a dor da primeira guerra mundial”, afirmou Paulo VI.

Peregrinação no alvorecer do Ano da Fé

Outro momento significativo da Viagem Apostólica de 1967 foi a Missa celebrada em 26 de julho, na Igreja de Santo Antônio, em Istambul. Na homilia, Paulo VI recorda a figura de outro Pontífice. Trata-se do Papa João XXIII, nomeado mais de 20 anos antes da eleição à Cátedra de Pedro como delegado apostólico na Turquia e na Grécia.

Os anos 1930 marcam um período em que a Igreja está presente de muitas formas na jovem república Turca, nascida em 1923. A missão do então dom Angelo Giuseppe Roncalli, na Turquia, é marcada pelo ministério aos católicos e pelo diálogo com os mundos ortodoxo e muçulmano. Paulo VI, na Igreja de Santo Antônio, recorda disso com estas palavras: esta Igreja “era a predileta do Papa João XXIII, quando aqui cumpria o serviço da Sé Apostólica, na qualidade de delegado apostólico”. “A sua memória - acrescentou na ocasião - é, também aqui, inapagável”.

Paulo VI enfatiza, além disso, que a Viagem Apostólica à Turquia se realiza em 1967, “no alvorecer do Ano da Fé, na veneração de lugares que, com toda razão, devem ser considerados privilegiados, pelos monumentos de fé que preservam e pelo significado que revestem”.

Uma viagem no coração do Papa

Depois da Missa na Igreja de Santo Antônio, o dia de 26 de julho prossegue com a despedida de Istambul e os encontros com os fiéis de Éfeso e de Esmirna, locais da Ásia Menor, onde estão gravadas “as grandes memórias cristãs”, como ressalta Paulo VI. Na cerimônia de despedida da Turquia, Papa Montini recorda alguns momentos da Viagem Apostólica e, em seguida, pronuncia estas palavras: “Levamos tudo isso no coração”.

Chega o momento de retomar o caminho de volta e, enquanto isso, em Roma, uma multidão imponente o espera sobre os terraços e pátios do Aeroporto de Fiumicino. Todos querem saudar o Papa.

A Viagem Apostólica de João Paulo II em 1979

Seguindo os passos de Paulo VI, João Paulo II viaja para a Turquia em 1979. “Dirijo-me para esta Nação para continuar, com um renovado compromisso, o esforço em direção à unidade de todos os cristãos, com base em um dos objetivos proeminentes do Concílio Vaticano II”, afirma o Pontífice polonês na partida.

Papa Wojtyła começa a sua peregrinação ecumênica em Ancara. “É uma grande alegria para mim, sucessor de Pedro, dirigir-me hoje a vós, com as mesmas palavras que São Pedro dirigia 19 séculos atrás aos cristãos que se encontravam, então, como hoje, em pequena minoria nessas terras”, diz à comunidade católica daquela cidade.

Os encontros com o Patriarca de Constantinopla Dimitrios e com o Patriarca armênio Shnorhik Kalustian precedem o abraço à comunidade armênio-católica de Istambul. A essa porção do povo de Deus indica uma missão especial: “Sois chamados, mais do que os outros, a serem os arquitetos da unidade”.

Na terra dos Concílios

Os pontos essenciais da fé encontraram a formulação dogmática nos Concílios ecumênicos realizados em Istambul, ou nas cidades vizinhas, entre elas Niceia e Éfeso. É o que recorda Papa João Paulo II na homilia na Catedral do Espírito Santo. “Como não lembrar com emoção os padres da Igreja do Oriente, Pastores e Doutores, nascidos nesta região” e o seu “incomparável apostolado”, afirma o Pontífice.

No dia seguinte, 30 de novembro de 1979, João Paulo II se encontra, primeiramente, com a comunidade polonesa. Trata-se de uma colônia pouco numerosa. “Vós sois herdeiros daqueles poloneses que, mais de cem anos atrás, deram início a esse oásis polonês no Bósforo”, recordou o papa naquela ocasião.



Giovanni Paolo II in Turchia nel 1979.

Sob os olhos de Maria

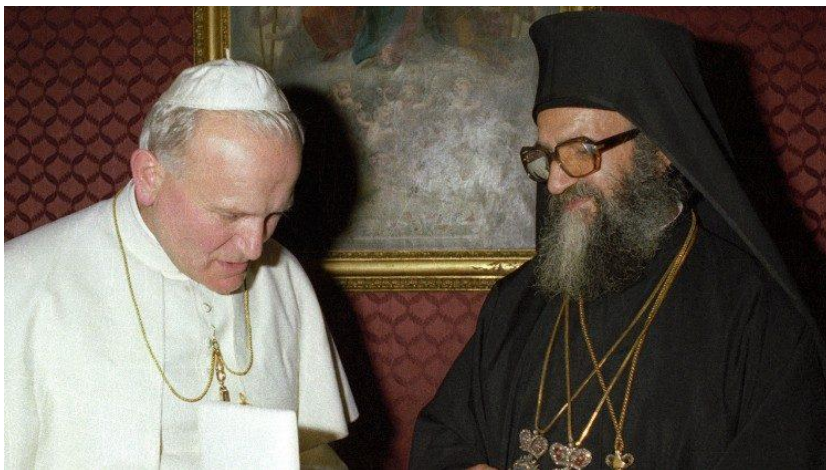
Um dos últimos momentos da peregrinação apostólica de João Paulo II na Turquia é a Missa em Éfeso. Na homilia, o Pontífice confia à Mãe de Deus os destinos da Igreja. E recorda o caminho para a plena unidade de todos os cristãos. “Sob o seu olhar materno, estamos prontos a reconhecer as nossas culpas recíprocas, os nossos egoísmos e as nossas lentidões: Ela gerou um Filho único, nós infelizmente apresentamos-lho dividido”. “Confiamos a Maria a nossa resolução sincera de não aquietarmos enquanto não se chegar ao termo do caminho”.

Apostolicidade e unidade

A viagem para a Turquia foi marcada por duas “notas” peculiares, recorda João Paulo II ao concluir a peregrinação, depois da aterrissagem no aeroporto de Fiumicino.

Com o coração ainda invadido por intensas emoções e trazendo na alma imagens inesquecíveis de lugares tornados queridos por venerandas tradições, piso novamente o solo da Itália. Estou agradecido ao Senhor pela assistência que me concedeu também nesta peregrinação, realizada segundo duas peculiares “notas” da Igreja, a da apostolicidade e a da unidade.

A viagem de João Paulo II testemunha mais uma vez “a firme vontade” de um sucessor de Pedro “de seguir em frente na estrada que conduz à plena unidade de todos os cristãos”.



Um momento da jornada apostólica de 1979.

A Viagem Apostólica de Bento XVI em 2006

Em 2006, desloca-se para a Turquia Bento XVI que, no início de sua Viagem Apostólica, deseja, primeiramente, evocar a recordação das “memoráveis visitas” de Paulo VI e João Paulo II. “De igual modo, não posso deixar de mencionar também o Papa Bento XV, artífice infatigável da paz durante o primeiro conflito mundial, e do Beato João XXIII, o papa “amigo dos Turcos”, que foi Delegado Apostólico na Turquia e Administrador Apostólico do Vicariato latino em Istambul”, acrescenta, encontrando-se com o Corpo Diplomático em Ancara.

Paz entre os povos

Em 29 de novembro de 2006, Bento XVI preside a Celebração Eucarística no Santuário mariano nacional de Meryem Ana Eví, em Éfeso, e invoca a paz para a Terra Santa e para o mundo inteiro.

Daqui de Éfeso, cidade abençoada pela presença de Maria Santíssima sabemos que Ela é amada e venerada inclusive pelos muçulmanos elevemos ao Senhor uma especial oração pela paz entre os povos. Desta parte da Península anatólica, ponte natural entre continentes, invocamos a paz e a reconciliação sobretudo para aqueles que habitam na Terra que chamamos “santa”, e que é assim considerada tanto pelos cristãos, como pelos judeus e pelos muçulmanos: é a terra de Abraão, de Isaac e de Jacob, destinada a acolher um povo que se tornasse uma bênção para todos os povos (cf. Gn 12, 1-3).



Bento XVI na Turquia em 2006.

O encontro com o Patriarca Bartolomeu I

O dia 30 de novembro de 2006 é o dia da festa de Santo André Apóstolo e do encontro entre o Papa Bento XVI e o Patriarca ecumênico Bartolomeu I. “Demos graças ao Autor de todo o bem, que nos permite ainda uma vez, na oração e no intercâmbio, expressar a nossa alegria de sentirmo-nos irmãos e de renovar o nosso compromisso em vista da plena comunhão”, lê-se na Declaração comum. Palavras que se entrelaçam com o abraço do Papa Paulo VI ao Patriarca de Atenágoras. Sucessivamente, na Igreja Patriarcal de São Jorge no Fanar, Bento XVI enfatiza que “as divisões existentes entre os cristãos são um escândalo para o mundo e um obstáculo para a proclamação do Evangelho”.

Avançar no caminho em direção à unidade

A visita de oração ao patriarcado armênio apostólico e o encontro com o Patriarca Mesrob II precedem o momento de conclusão da viagem apostólica de Bento XVI à Turquia: a celebração eucarística na Catedral do Espírito Santo em Istambul.

Há vinte e seis anos, nesta mesma catedral, o meu predecessor o Servo de Deus João Paulo II desejava que o alvorecer do novo milénio pudesse "surgir sobre uma Igreja que reencontrou a sua plena unidade, para testemunhar melhor, entre as exacerbadas tensões do mundo, o amor transcendente de Deus, manifestado no Filho Jesus Cristo"

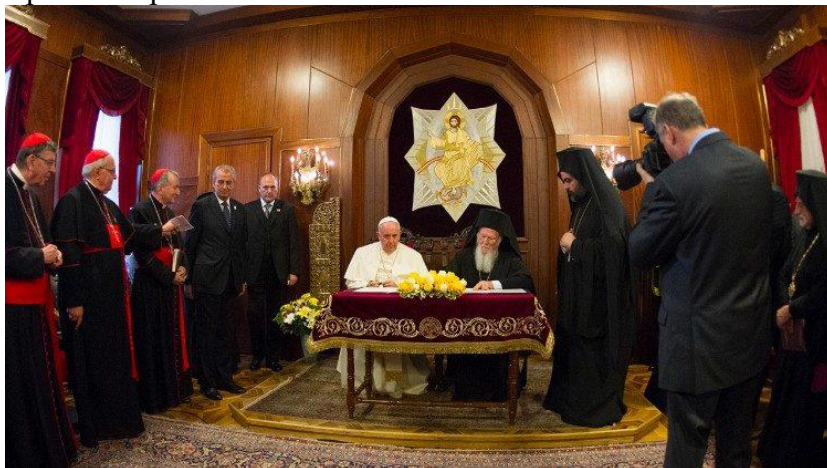
Esse desejo, enfatiza Bento XVI, ainda não se realizou. “Mas o desejo do Papa é sempre o mesmo e estimula-nos, a todos nós discípulos de Cristo que progredimos com lentidão e com as nossas pobreza pelo caminho que conduz à unidade”.

A Viagem Apostólica de Francisco em 2014

A Turquia é um cruzamento de encontro e diálogo. O Papa Francisco, durante a Viagem Apostólica à Turquia em 2014, louva o compromisso do País com os refugiados e destaca a vocação daquela nação de ponte entre os continentes e os povos.

“A Turquia, pela sua história, em virtude da sua posição geográfica e devido à importância de que se reveste na região, tem uma grande responsabilidade: as suas decisões e o seu exemplo possuem uma valência especial e podem ser de significativa ajuda no sentido de favorecer um encontro de civilização”, destacou o Papa durante o encontro com as autoridades.

O Pontífice argentino comenta, sem seguida, que “a liberdade religiosa e a liberdade de expressão, eficazmente garantidas a todos, estimularão o florescimento da amizade, tornando-se um sinal eloquente de paz.”.



Um momento da viagem apostólica de Francisco à Turquia em 2014.

O Espírito Santo e a unidade da Igreja

Em 29 de novembro, a chegada de Papa Francisco a Istambul – com as visitas à mesquita Sultan Ahmet (a célebre Mesquita Blu), em Santa Sofia, e a saudação da comunidade católica no pequeno jardim da delegação apostólica – abre a parte ecumênica da viagem apostólica. Uma das imagens mais significativas é a de Francisco, com pés descalços e as mãos juntas, que pausa por longos instantes em adoração silenciosa ao lado do grande mufti na mesquita. A cena, então, muda para a Catedral Católica do Espírito Santo para a Missa. Na homilia, Francisco recorda o “princípio harmonizador” para cumprir a unidade entre os crentes.

O Espírito Santo faz a unidade da Igreja: unidade na fé, unidade na caridade, unidade na coesão interior. A Igreja e as Igrejas são chamadas a deixarem-se guiar pelo Espírito Santo, colocando-se numa atitude de abertura, docilidade e obediência. É Ele que faz a harmonia na Igreja. Vem-me à mente uma afirmação muito bela de São Basílio Magno: «Ipse harmonia est – Ele próprio é a harmonia».

O dia 29 de novembro de 2014 conclui-se com a oração ecumênica na Igreja patriarcal de São Jorge. O Papa pede um favor ao Patriarca Bartolomeu I: “de abençoar a mim e à Igreja de Roma”. O 30 de novembro é o dia da assinatura da declaração conjunta. Papa Francisco e o Patriarca Ecumênico Bartolomeu I exprimem a sincera e firme intenção de intensificar os esforços “para a promoção da plena unidade entre todos os cristãos e, sobretudo, entre católicos e ortodoxos”. A última fotografia da viagem de Francisco à Turquia é o abraço com os jovens refugiados. Eles provêm da Turquia, da Síria,

do Iraque e de vários países do Oriente Médio e da África. A difícil situação deles, enfatiza o Pontífice argentino, “é a triste consequência de conflitos exasperados e da guerra”.

Os passos dos Papas e a Turquia

A Turquia está no coração dos Pontífices. Paulo VI viajou para esse país pouco mais de quatro anos depois da eleição ao trono de Pedro. João Paulo II visitou a Turquia um ano depois de ter sido eleito Pontífice. Também para Bento XVI e Francisco, a viagem apostólica à Turquia não foi distante da data de suas eleições. Olhando para a história, parece que os Papas, depois da eleição, querem logo abraçar e beijar essa terra.

Agora, o povo turco aguarda Leão XIV. A primeira viagem apostólica de seu Pontificado começa nesta região do mundo, onde páginas indelévels do cristianismo iluminam caminhos já traçados e ainda a completar. Os de Leão XIV são novos passos para acrescentar no espírito do Concílio de Niceia. Passos para cumprir com o irmão Bartolomeu I nos passos de Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI, Francisco e também Bento XV e João XXIII.

Os Papas abraçam a Turquia, terra ligada, de maneira indissolúvel, às origens e à história da Igreja. Os passos dos Pontífices se adicionam aos do apóstolo do povo, São Paulo, que era um judeu de Tarso, na atual Turquia.

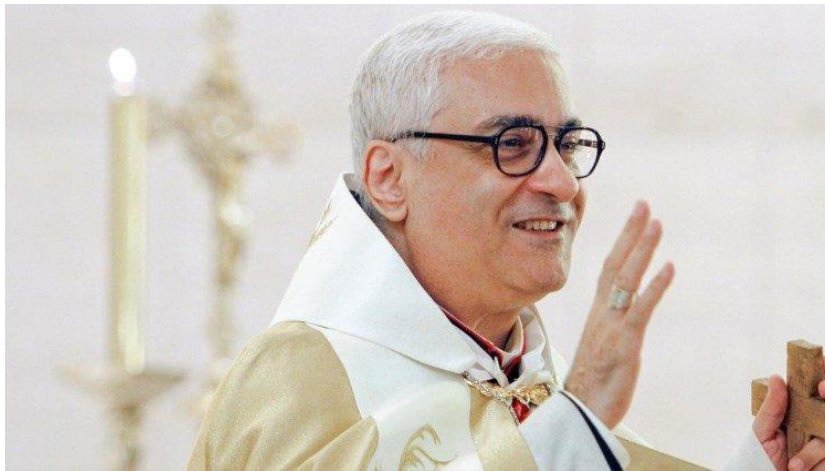
Leão XIV, nesta terra dos Concílios, que teve um papel primário nos alvares do cristianismo, renova a missão de Pedro, na reta final do Ano Santo da esperança, rumo à Luz de Natal.

Fonte: Vatican News

Arcebispo maronita de Beirute: o Papa aqui no Líbano nos diz que não estamos sós

Dom Paul Abdel Sater aguarda com grande expectativa a iminente visita de Leão XIV ao País dos Cedros, destacando a constante proximidade expressa desde os primeiros dias do pontificado: “Não esperamos que ele forneça uma solução para os nossos problemas”, mas uma “maior esperança para continuar a nossa missão”

Isabella H. De Carvalho – Vatican News



Arcebispo maronita de Beirute, Paul Abdel Sater

Em meio às crises socioeconômicas e políticas enfrentadas nas últimas décadas, a visita do Papa Leão XIV ao Líbano representa um bálsamo de "esperança, paz e amor" para a população local. Não uma "solução" imediata para todos os problemas que ainda assolam o País dos Cedros, mas uma "presença" que, por si só, já é "suficiente" para aquecer os corações dos fiéis. Essas são as expectativas do arcebispo maronita de Beirute, Paul Abdel Sater, que explicou à mídia vaticana como a comunidade local está se preparando para receber o Pontífice de 30 de novembro a 2 de dezembro.

Qual é a principal mensagem que o senhor espera que o Papa Leão XIV possa transmitir aos fiéis no Líbano durante sua visita?

Creio que o Pontífice já enviou sua mensagem. Uma mensagem de esperança, paz e amor. Desde os primeiros dias de seu pontificado, falou sobre o Líbano e nossas dificuldades. Ele demonstrou o quanto se importa com nosso país e com a missão dos cristãos libaneses na região. Certamente será uma poderosa mensagem de amor, dirigida a todos os presentes e àqueles que não poderão comparecer. Isso também nos dará maior esperança para continuarmos nossa missão na região, para continuarmos sendo testemunhas de amor por toda pessoa. Acredito que sua visita terá um impacto profundo em todos nós.



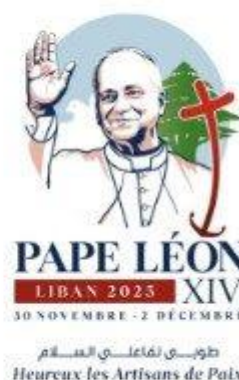
29/10/2025

Vice-primeiro-ministro do Líbano: a oração do Papa no porto nos ajudará a curar nossas feridas

Tarek Mitri descreve a expectativa para a chegada do Papa Leão XIV a Beirute: a população espera do Papa uma palavra de paz, e a confirmação de que o Líbano ainda é um país onde o ...

Como essa visita pode ajudar a fortalecer a esperança entre o povo libanês, dadas as atuais circunstâncias econômicas e sociais?

Quando você percebe que não está sozinho neste mundo, que suas dificuldades também são as dificuldades de outros, que outros pensam em você e oram por você todos os dias, e fazem o possível para aliviar seu sofrimento, você se sente muito amado. Esse amor certamente coloca esperança em seu coração. Não esperamos que o Pontífice forneça uma solução para nossos problemas. Sua presença já é suficiente, e não estou falando em meu próprio nome, mas em nome de todos os fiéis que encontro e com quem converso a respeito da visita do Papa. Regozijamo-nos com sua vinda ao Líbano, para estar conosco, para rezar conosco. Para nós, isso é mais do que suficiente. Seguiremos em frente com muita força porque sabemos, temos certeza, que não estamos sozinhos. Somos apoiados por todos os católicos do mundo, por todos aqueles que acreditam no Líbano, nos libaneses e em sua missão.



27/10/2025

Divulgados o programa e o logotipo da viagem do Papa à Turquia e ao Líbano

A Sala de Imprensa da Santa Sé divulgou o programa oficial e os logotipos da primeira viagem apostólica de Leão XIV aos dois países do Oriente Médio, com uma parada em Iznik, atual ...

Qual é a sua mensagem aos fiéis e a todos os libaneses em preparação para acolher o Papa no país?

Gostaria de dizer a todos os fiéis libaneses: venham e vejam o Papa. Venham e ouçam suas palavras. Venham e mostrem-lhe o quanto apreciamos sua visita, o quanto o amamos, o quanto

apreciamos tudo o que ele está fazendo por nós. E depois, vão e falem do amor de Jesus e da esperança que vocês têm em seus corações por Sua presença.



Arcebispo maronita de Beirute, Paul Abdel Sater

Fonte: Vatican News

Leão XIV: maior sensibilização com os problemas ligados à falta de emprego

A mensagem do Pontífice, assinada pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, aos participantes da Assembleia Nacional da Confartigianato, a organização italiana que representa os artesãos e as micro e pequenas empresas. Os trabalhos começaram nesta terça-feira (25/11), no Auditório da Conciliação, em Roma.

Vatican News

“Uma renovada sensibilização das várias instâncias institucionais e sociais para os problemas relacionados com a falta de trabalho”. É o desejo expresso pelo Papa Leão XIV aos participantes da Assembleia Nacional da Confartigianato, um evento anual dedicado ao artesanato e às pequenas empresas italianas, que começou nesta terça-feira, 25 de novembro, no Auditório da Conciliação, em Roma.

Em uma mensagem assinada pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, e lida na abertura dos trabalhos, o Papa “encoraja a perseverar na promoção de uma cultura de solidariedade e da justiça com base nos valores evangélicos”. O Pontífice assegura ainda orações e concede a bênção a todos os participantes do evento. Entre eles, empreendedores e representantes do Sistema Confartigianato vindos de toda a Itália, líderes de instituições, representantes do Parlamento e das forças econômicas e sociais da Itália.

Fonte: Vatican News

"Una caro": matrimônio não é negação da liberdade, mas plenitude, reafirma Fernández

Apresentado nesta terça-feira o documento que reafirma o valor da monogamia como "união exclusiva e pertencimento mútuo". O cardeal prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé afirmou: a defesa do matrimônio é intrínseca à defesa da dignidade da mulher. A professor De Simone declarou: "O pertencimento recíproco" não pode ser separado da liberdade, do "não pertencimento".

Edoardo Giribaldi – Cidade do Vaticano

"Nós dois", "Eu-você". Dinâmicas complementares de um amor "abrangente" que não suprime a liberdade, mas a faz florescer plenamente, defendendo a dignidade da mulher, que jamais deve ser negada ou desonrada, "nem mesmo pelo desejo de procriação". Um "elogio da monogamia" que é um "canto" da união matrimonial, "exclusiva, mas longe de ser exclusiva", na qual a "pertença mútua" implica a "não pertença", a plena liberdade do outro.

Esses são alguns dos temas abordados nesta manhã, 25 de novembro, na conferência de imprensa de apresentação da Nota Doutrinária do Dicastério para a Doutrina da Fé, "Una caro", sobre o valor do matrimônio "como união exclusiva e pertença recíproca". O documento foi apresentado na Sala de Imprensa da Santa Sé pelo cardeal Víctor Manuel Fernández, prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé e pela professora Giuseppina De Simone, docente na Pontifícia Faculdade de Teologia do Sul da Itália - Seção de San Luigi. Também presente na mesa dos oradores monsenhor Armando Matteo, secretário da Seção de Doutrina do mesmo Dicastério.



Doutrina da Fé: a monogamia não é um limite, o matrimônio é promessa de infinito

Publicada a Nota doutrinal “Una caro. Elogio à monogamia”, que aprofunda o valor do matrimônio como “união exclusiva e pertencimento recíproco”, uma união totalizante que, no dom ...

A unidade dinâmica do matrimônio

"Nós Dois". Da maneira como um casal unido em matrimônio se relaciona consigo mesmo brota "aquele forte sentimento de reciprocidade que une os cônjuges, aquela aliança entre os dois que compartilham a vida em sua totalidade". Essa foi a declaração do cardeal Fernández, que, ao apresentar a Nota Doutrinária, enfatizou que o documento não se detém nos crescentes "desafios da poligamia", mas aprofunda a propriedade essencial da unidade, sancionada pelo Código de Direito Canônico. Um vínculo, aquele matrimonial, que nunca se apresenta estático, mas dinâmico em suas "diferentes expressões". A esse respeito, o purpurado argentino especificou que vários bispos africanos também haviam solicitado ao Dicastério uma documentação sobre o valor da monogamia.

Amor totalizante por "escolher-se repetidamente"

O primeiro aspecto em que o cardeal Prefeito se concentrou foi a natureza "totalizante" da união matrimonial. A expressão bíblica "uma só carne" (*una caro*) não limita a liberdade pessoal, mas antes a leva ao cumprimento. Daí a ideia de que tal união só pode ocorrer entre duas pessoas, "caso contrário, não se compartilharia tudo, mas apenas uma parte".

Ele então passou à análise do matrimônio realizada por teólogos, Pontífices e poetas. Dietrich von Hildebrand, por exemplo, distinguia duas formas complementares de união: a do "nós", em que "o outro está comigo", motivado "pelas coisas comuns que nos unem"; e aquela do "eu-tu", na qual os dois cônjuges se entregam um ao outro, de modo que "a outra pessoa age inteiramente como um sujeito, nunca como um mero objeto".

"Retornar à escolha recíproca repetidas vezes" foi por sua vez uma nuance do matrimônio enfatizada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. É uma ideia que, explicou Fernández, está ligada à caridade conjugal, àquele abandono de si que Søren Kierkegaard acreditava ser possível apenas assumindo o risco e a imprevisibilidade do amor. "É desajeitado - escrevia o filósofo dinamarquês - querer amar com uma parte da alma, mas não na sua totalidade, reduzir o próprio amor a um momento e, no entanto, tirar tudo do outro". O amor totalizante também encontra expressão na poesia, como no famoso verso de Eugenio Montale: "Desci, oferecendo-te o meu braço, pelo menos um milhão de degraus".

As dignidades individuais no casal

O segundo ponto abordado pelo prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé dizia respeito à "dignidade inalienável" das duas pessoas unidas pelo matrimônio. "O meu amado é meu, e eu sou dele. Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu", recita o Cântico dos Cânticos, recordando que os cônjuges "constituem um casal, iguais na sua dignidade fundamental".

Defender a monogamia significa também proteger a dignidade da mulher, como ensinava Leão XIII, para quem tal valor não pode ser negado ou desonrado, mesmo no contexto da procriação. "A unidade do matrimônio torna-se uma escolha livre da mulher, que tem o direito de exigir reciprocidade exclusiva." Isso não pode acontecer, observou o cardeal Fernández, "se a outra pessoa se tornar

meramente um objeto usado para satisfazer os próprios desejos." O risco — exposto com ainda maior urgência no Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher, recordado pelo purpurado — é o de alimentar "doenças de uma posse indevida do outro": manipulação, ciúme, assédio, infidelidade. O casamento não pode se tornar uma válvula de escape para as frustrações, transformando-se em "dominação do outro". Das formas de "desejo doentio" podem, de fato, originarem-se violências explícitas ou sutis, opressão, pressão psicológica, controle e sufocamento, frequentemente acompanhados de infidelidade. Existe - concluiu o cardeal prefeito - uma dimensão pessoal que "transcende todas as outras" e permanece acessível apenas a Deus. Uma verdade que o poeta indiano Rabindranath Tagore expressou assim: "Este coração está tão próximo de você quanto a sua própria vida, mas você não pode conhecê-lo completamente."

A pertença recíproca implica liberdade

Pronunciou-se então a professora De Simone, que se concentrou no título do texto, particularmente na escolha da palavra "elogio" em relação à monogamia. "Cantar no júbilo", como escrevia Santo Agostinho, significa "compreender e não ser capaz de explicar em palavras o que se canta com o coração". Uma Nota doutrinal que não se perde em "dimensões conceituais", mas interpreta a vida em sua "direção de significado". Para "pessoas que vivenciam a vida", resumiu a professora. Um texto, acrescentou ela, que "canta" a beleza de um amor que é "exclusivo, mas longe de ser exclusivo", e uma visão "escrita em tantas histórias comuns, de pessoas comuns". "Tenham a coragem de sua humanidade. Tenham a coragem de amar, até o fim", é o conceito subjacente que a professora De Simone identificou nas entrelinhas da Nota. "O verdadeiro amor reconhece a dimensão sagrada do outro e exige um cuidado delicado com a sua liberdade", continuou a professora, ecoando a declaração do cardeal Fernández, instando à confiança recíproca entre os cônjuges: "a pertença recíproca" não pode, de fato, prescindir da "não-pertença".

Perguntas da imprensa

Respondendo às perguntas dos jornalistas presentes, o cardeal esclareceu que o texto estava pronto há meses, mas que a sua publicação tinha sido adiada em antecipação à primeira Exortação Apostólica do Papa Leão XIV, *Dilexi te*. A Nota, além disso, não trata do tema do uso de contraceptivos.

Retornando à questão da poligamia e sua disseminação no continente africano, o cardeal citou o caso da Guiné Equatorial, onde a prática ainda é difundida em "pequenos vilarejos". Ele observou que alguns presbíteros, ao tentarem formar comunidades com fiéis que vivem em casamentos monogâmicos, muitas vezes se encontram isolados: "São situações difíceis", admitiu. Este é, de fato, um processo que deve ocorrer "gradualmente", como reconhecem os próprios bispos locais, também devido a práticas que, no passado, levaram homens com várias esposas a fazer escolhas "muito violentas", permanecendo "com apenas uma mulher" e "expulsando" as outras "para o deserto", deixando-as morrer "de fome e calor". A Nota, concluiu o cardeal, faz uma clara referência ao casamento, mas os valores a ele associados estendem-se a outras formas de união, incluindo também os solteiros e os sacerdotes.

Fonte: Vatican News

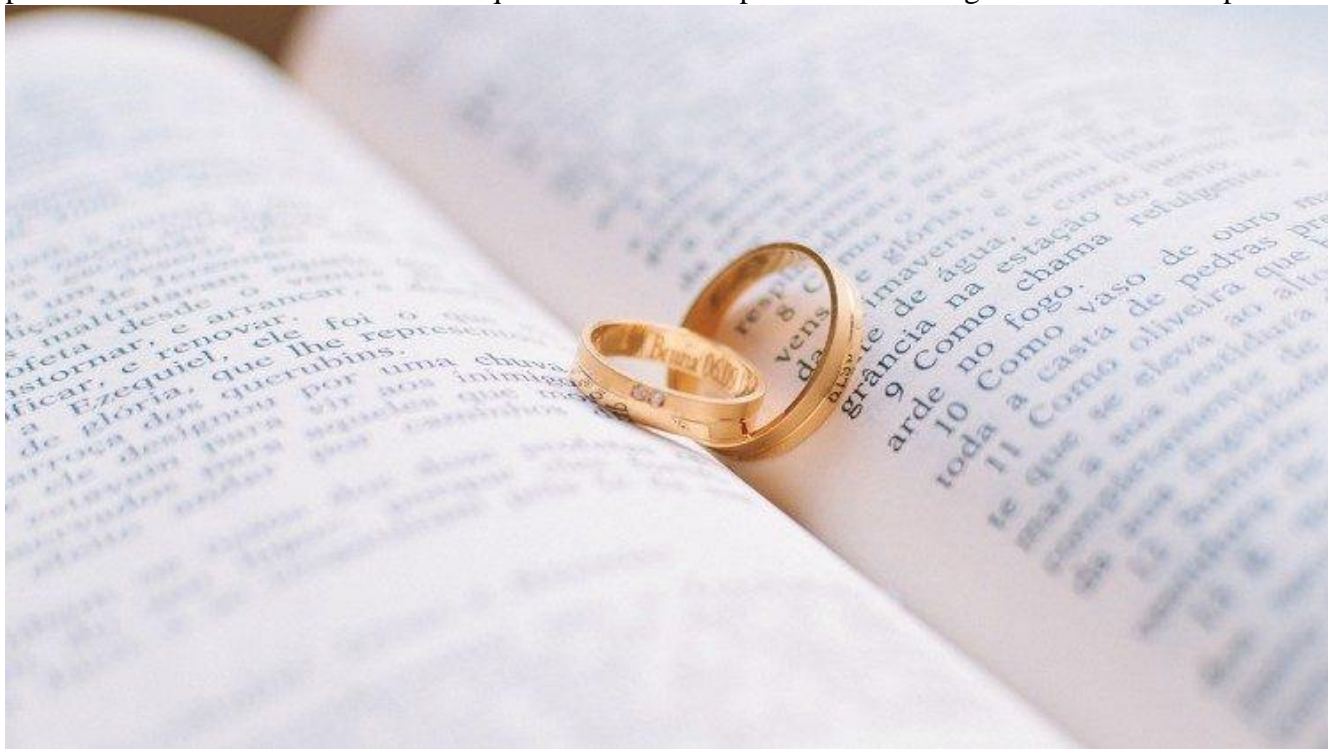
Doutrina da Fé: a monogamia não é um limite, o matrimônio é promessa de infinito

Publicada a Nota doutrinal "Una caro. Elogio à monogamia", que aprofunda o valor do matrimônio como "união exclusiva e pertencimento recíproco", uma união totalizante que, no dom completo de si ao outro, respeita sua dignidade. A importância da caridade conjugal e a atenção aos pobres. A condenação da violência, seja física seja psicológica: "O matrimônio não é posse". Em uma época individualista e consumista, educar os jovens ao amor como responsabilidade e esperança no outro.

Isabella Piro – Cidade do Vaticano

"Unidade indissolúvel": assim a Nota doutrinal do Dicastério para a Doutrina da Fé (DDF) define o matrimônio, ou seja, como uma "união exclusiva e pertencimento recíproco". Não por acaso, o documento — aprovado por Leão XIV no último dia 21 de novembro, memória litúrgica da Apresentação da Bem-Aventurada Virgem Maria, e apresentado hoje à imprensa, 25 de novembro — traz o título "*Una caro (uma só carne). Elogio à monogamia*". No documento explica-se que aqueles que se doam plena e completamente um ao outro só podem ser dois; de outro modo, seria um dom

parcial de si mesmo que não respeita a dignidade do parceiro.



01/06/2025

O Papa na Missa do Jubileu das Famílias: das famílias nasce o futuro dos povos

“Caríssimos, se nos amarmos assim, sobre o fundamento de Cristo, que é ‘o Alfa e o Ômega’, ‘o Princípio e o Fim’, seremos sinal de paz para todos na sociedade e no mundo. E não ...

As motivações do documento

Três são as motivações que estão na origem do texto: em primeiro lugar — escreve na introdução o cardeal prefeito, Víctor Manuel Fernández — há a atenção ao atual “contexto global de desenvolvimento do poder tecnológico”, que leva o homem a pensar-se como “uma criatura sem limites” e, portanto, distante do valor de um amor exclusivo e reservado a uma única pessoa. Menciona-se também as discussões com os bispos africanos sobre o tema da poligamia, recordando que “estudos aprofundados sobre as culturas africanas” desmentem “a opinião comum” acerca da excepcionalidade do matrimônio monogâmico. Por fim, o documento constata, no Ocidente, o crescimento do “poliamor”, ou seja, formas públicas de união não monogâmica.

A unidade conjugal e a união entre Cristo e a Igreja

Nesse contexto, o documento do DDF deseja realçar a beleza da unidade conjugal que, “com a ajuda da graça”, representa também “a união entre Cristo e sua esposa amada, a Igreja”. Destinada sobretudo aos bispos, a Nota — sublinha o cardeal Fernández — quer igualmente ajudar os jovens, os

noivos e os esposos a captar “a riqueza” do matrimônio cristão, de modo a estimular “uma reflexão serena e um aprofundamento prolongado” sobre o tema.

O pertencimento fundamentado no consentimento livre

Dividido em sete capítulos, além das Conclusões, o texto reafirma que a monogamia não é uma limitação, mas a possibilidade de um amor que se abre ao eterno. Dois elementos aparecem decisivos: o pertencimento recíproco e a caridade conjugal. O primeiro, “fundado no consentimento livre” dos cônjuges, é reflexo da comunhão trinitária e torna-se “uma forte motivação para a estabilidade da união”. Trata-se do “pertencimento do coração, onde somente Deus vê” e onde só Ele pode entrar, “sem perturbar a liberdade e a identidade da pessoa”.



02/06/2025

Papa Leão XIV: caminhar com as famílias e ajudá-las a encontrar a fé

Numa mensagem enviada a um seminário promovido pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, Leão XIV convida as pessoas a se tornarem “pescadores de famílias” a fim de ...

Não profanar a liberdade do outro

Assim entendida, “a mútua pertença própria do amor recíproco exclusivo implica um cuidado delicado, um santo temor de profanar a liberdade do outro, que tem a mesma dignidade e, portanto, os mesmos direitos”. Porque quem ama sabe que “o outro não pode ser um meio para resolver suas próprias insatisfações” e sabe que o próprio vazio nunca deve ser preenchido “por meio do domínio do outro”. A esse respeito, a Nota lamenta “as tantas formas de desejo doentio que desembocam em várias manifestações de violência explícita ou sutil, de opressão, de pressão psicológica, de controle e, por fim, de asfixia”. Trata-se de “falta de respeito e de reverência diante da dignidade do outro”.

O matrimônio não é posse

Ao contrário, um “nós dois” saudável implica “a reciprocidade de duas liberdades que nunca são violadas, mas se escolhem mutuamente, deixando sempre intacto um limite que não pode ser ultrapassado”. Isso acontece quando “a pessoa não se dispersa na relação, não se funde com a pessoa amada”, no respeito por todo amor saudável “que nunca pretende absorver o outro”. A Nota destaca que o casal poderá “compreender e aceitar” um momento de reflexão ou algum espaço de solidão ou autonomia pedido por um dos cônjuges, visto que “o matrimônio não é posse”, não é “pretensão de tranquilidade absoluta”, nem libertação total da solidão (somente Deus, de fato, pode preencher o vazio sentido por um ser humano), mas sim confiança e capacidade de enfrentar novos desafios. Ao mesmo tempo, convida-se os cônjuges a não se recusarem mutuamente, porque “quando a distância se torna muito frequente, o ‘nós dois’ se expõe à sua possível eclipse”. Um diálogo sincero permitirá, em vez disso, sanar as causas do afastamento recíproco e encontrar o equilíbrio justo.

A oração, meio precioso para crescer no amor

O pertencimento recíproco expressa-se também na ajuda mútua entre os cônjuges para amadurecer como pessoas: nisso, a oração é “um meio precioso” mediante o qual o casal pode santificar-se e crescer no amor. Assim, realiza-se a caridade conjugal, “força unitiva” “afetiva, fiel e total”, “dom divino” pedido na oração e nutrido na vida sacramental e que, precisamente no

matrimônio, torna-se “a maior amizade” entre dois corações próximos, que se amam e que se sentem “em casa” um no outro.



19/10/2025

Leão XIV: os santos Luís e Zélia Martin, antídoto aos modelos negativos de união

Leão XIV, em mensagem enviada ao bispo de Séz, diocese que celebra o décimo aniversário da canonização dos pais de Santa Teresa do Menino Jesus, os chama de um “casal exemplar” e ...

Sexualidade e fecundidade

Graças ao poder transfigurador da caridade, será também possível compreender a sexualidade “em corpo e alma”, isto é, não como um impulso ou um desabafo, mas como “um presente maravilhoso de Deus” que orienta à doação de si e ao bem do outro, considerado na totalidade de sua pessoa. A caridade conjugal se desdobra igualmente na fecundidade, “ainda que isso não signifique que este deva ser o objetivo explícito de cada ato sexual”. Ao contrário, o matrimônio conserva seu caráter essencial mesmo quando é sem filhos. Recordar-se, além disso, a legitimidade do respeito pelos tempos naturais de infertilidade.

As redes sociais e a urgência de uma nova pedagogia

Todavia, “no contexto do individualismo consumista pós-moderno”, que nega o fim unitivo da sexualidade e do matrimônio, como preservar a possibilidade de um amor fiel? A resposta, afirma o documento, encontra-se na educação: “O universo das redes sociais, onde o pudor desaparece e proliferam as violências simbólicas e sexuais, mostra a urgência de uma nova pedagogia”. É preciso, portanto, “preparar as gerações para acolher a experiência amorosa como mistério antropológico”, apresentando o amor não como mera pulsão, mas como chamado à responsabilidade e “capacidade de esperança de toda a pessoa”. A educação para a monogamia não é “arcaísmo”, nem “coerção moral”, mas constitui “uma iniciação à grandeza de um amor que transcende a imediatidade” e antecipa, de certo modo, “o próprio mistério de Deus”.

Papa aos influenciadores: sejam agentes capazes de quebrar a lógica da polarização

Em discurso feito em italiano, inglês e espanhol, Leão XIV exortou os missionários digitais a agirem contra a divisão e ofereceu três indicações: a missão de anunciar a paz, ...

A atenção aos pobres, “antídoto” à endogamia

A caridade da união conjugal também se manifesta nos casais que não se fecham em seu individualismo, mas se abrem a projetos compartilhados para “fazer algo belo pela comunidade e pelo mundo”, pois “o ser humano realiza a si mesmo colocando-se em relação com os outros e com Deus”. De modo diverso, trata-se apenas de egoísmo, autoreferencialidade, endogamia a ser combatida, por exemplo, praticando “o sentido social” do casal que se empenha, conjuntamente, na busca do bem comum. Central, nesse âmbito, é a atenção aos pobres, os quais — como afirmou Leão XIV — são “uma questão familiar” do cristão, não um mero “problema social”.

O amor conjugal como promessa de infinito



29/07/2025

Concluindo, a Nota reafirma que “todo matrimônio autêntico é uma unidade composta por dois indivíduos, que exige uma relação tão íntima e totalizante que não pode ser compartilhada com outros”. Portanto, entre as duas propriedades essenciais do vínculo matrimonial — unidade e indissolubilidade — é a primeira que fundamenta a segunda: a fidelidade é possível somente a partir de uma comunhão escolhida e renovada. Somente assim o amor conjugal será uma realidade dinâmica, chamada a um crescimento e a um desenvolvimento contínuos no tempo, em uma “promessa de infinito”.



31/10/2025

O Papa aos jovens: dar voz aos mais frágeis, atenção à fé conhecida on-line

Leão XIV recebeu alguns membros do Órgão Consultivo Internacional da Juventude, do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida. Em seu discurso preparado e entregue, ele os ...

Do Livro do Gênesis ao magistério dos Papas

Destaca-se que a Nota oferece também um amplo *excursus* teológico, filosófico e poético sobre o tema da monogamia, a partir do capítulo 2 do Gênesis (“Os dois serão uma só carne”) e passando pelos Padres da Igreja, entre os quais Santo Agostinho, que descreve a beleza da unidade conjugal como “um caminhar juntos, lado a lado”. Não faltam, depois, referências aos principais pronunciamentos magisteriais sobre o tema: de Leão XIII, que liga a defesa da monogamia à defesa da dignidade da mulher, a Pio XI, autor da encíclica *Casti connubii*. São numerosas, ainda, as citações do Concílio Vaticano II, nas quais se evidencia como o amor monogâmico é espelho da “igual dignidade de cada um dos cônjuges”.

Paulo VI e João Paulo II

Ulteriores reflexões surgem a partir de passagens de São Paulo VI que, na encíclica *Humanae vitae*, sublinha sim o significado procriativo do matrimônio, mas, ao mesmo tempo, mostra também

outro, inseparável do primeiro, isto é, o significado unitivo. De São João Paulo II recorda-se, por sua vez, a “hermenêutica do dom”: o ser humano, imagem de Deus, foi criado para doar-se ao outro e somente nessa doação de si realiza o verdadeiro significado de sua existência. Além disso, porque Deus fez o homem à sua semelhança criando-o homem e mulher, daí decorre que “a humanidade, para se assemelhar a Deus, deve ser um casal”.

O jovem Karol Wojtyła

De Karol Wojtyła retoma-se também a reflexão filosófica realizada quando jovem bispo, particularmente o “princípio personalista” que exige “tratar a pessoa de modo correspondente ao seu ser” e não como “um objeto a serviço de outra pessoa”, como acontece na poligamia. Ao mesmo tempo, o futuro Pontífice nega a tese rigorista que vê a sexualidade matrimonial apenas como finalidade procriativa, sustentando, ao contrário, que “existe uma alegria conforme” tanto à união física quanto à dignidade da pessoa. Porque o outro pode ser amado como pessoa e, “ao mesmo tempo, desejado”.



30/04/2025

Papa às jovens famílias em um texto inédito: acreditem na “alegria do amor”

Na introdução que preparou para o livro "Youcat. Amor para sempre", publicado pela fundação editora do Catecismo oficial para os jovens da Igreja Católica, Francisco compara os ...

Bento XVI e Francisco

Amplios trechos remetem também a *Deus caritas est* e *Amoris laetitia*: com a primeira encíclica de Bento XVI recorda-se que o matrimônio acolhe e leva a cumprimento “aquela força arrebatadora que é o amor, o qual, em sua dinâmica de exclusividade e definitividade, não quer mortificar a liberdade humana”, mas sim “abre a vida a um horizonte de eternidade”. Da exortação apostólica do Papa Francisco retoma-se em particular o capítulo IV, com uma descrição detalhada do amor e da caridade conjugal.

Leão XIV

Por fim, de Leão XIV cita-se sobretudo a mensagem para o décimo aniversário da canonização de Louis e Zélie Martin, pais de Santa Teresa do Menino Jesus. Nela, o Pontífice descreve os esposos como “um modelo de fidelidade e de atenção ao outro; de fervor e perseverança na fé; de educação cristã dos filhos; de generosidade no exercício da caridade e da justiça social; um modelo também de confiança na provação”.

Alguns filósofos do século XX

O documento do DDF percorre também o pensamento de alguns filósofos do século XX, como Emmanuel Lévinas, o qual vê na união exclusiva do matrimônio “um face a face” que “reivindica para si o pertencimento recíproco exclusivo e não transferível para fora daquele ‘nós dois’”. Daí decorre que “a poligamia, o adultério ou o poliamor se fundamentam na ilusão de que a intensidade da relação possa ser encontrada na sucessão de rostos”. Do pensador Jacques Maritain recorda-se, por sua vez, a concepção do amor como “uma completa e irrevogável doação de um ao outro”, na busca do bem do outro até a união total com Deus.



22/11/2024

Santo Agostinho, mestre da fé, da razão e da busca de Deus para a Igreja hoje

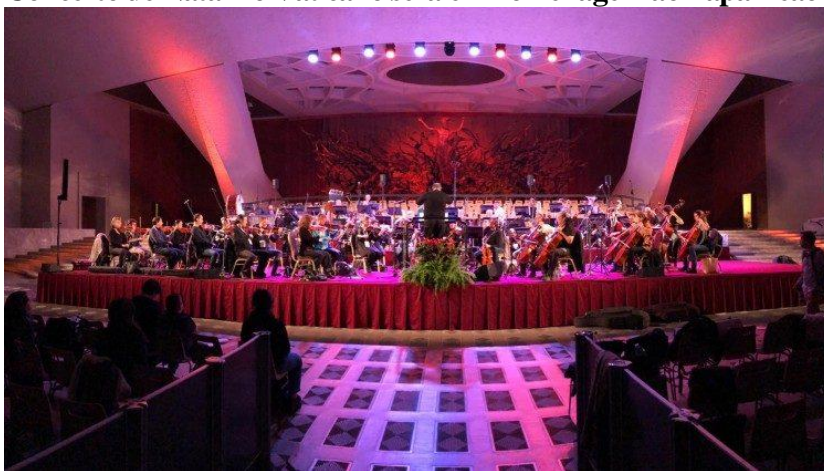
“Sub Regula Augustini” é o tema do encontro internacional que está sendo realizada no Instituto Patrístico Augustinianum de Roma. Mais de uma centena de especialistas, acadêmicos, ...

A palavra poética

Um capítulo à parte é dedicado à “palavra poética”: os versos célebres de autores como Whitman, Neruda, Montale, Tagore e Dickinson aprofundam o sentido de pertencimento que se experimenta no “nós dois” e que chega a ser percebido como totalizante, indestrutível e intransferível. Porque, ao final, como dizia Santo Agostinho, “Dá-me um coração que ama e compreenderá o que digo”.

Fonte: Vatican News

Concerto de Natal no Vaticano será em homenagem ao Papa Leão XIV



Registro de um concerto na Sala Paulo VI, no Vaticano

No dia 12 de dezembro, em véspera de Natal, o tradicional concerto será realizado na Sala Paulo VI com a participação de Leão XIV, que entregará ao renomado maestro italiano, Riccardo Muti, o Prêmio Ratzinger 2025. O evento, organizado pela Fundação Pontifícia “Gravissimum Educationis”, com o patrocínio do Dicastério para a Cultura e a Educação, será uma oportunidade para sensibilizar sobre a emergência educacional.

Vatican News

Na sexta-feira, 12 de dezembro, às 18h do horário local, na Sala Paulo VI, no Vaticano, será realizado o Concerto de Natal em homenagem e com a presença de Leão XIV, dirigido pelo diretor italiano de orquestra, Riccardo Muti. A noite será uma homenagem musical ao Pontífice no início de seu ministério petrino, por ocasião da Solenidade do Natal, a primeira que ele irá viver como Papa. Como destaca um comunicado do Dicastério para a Cultura e a Educação, “representa uma preciosa ocasião de encontro para a comunidade que trabalha ao lado do Papa e a serviço de sua Missão: de fato,

além do maestro Muti e dos músicos da orquestra, a Cúria Romana, os funcionários dos Dicastérios e aqueles que trabalham na Santa Sé e os convidados para este evento apresentarão a Leão XIV os votos de Natal”.

O programa na noite

O programa do concerto prevê a execução da Missa para a Coroação de Carlos X, composta por Luigi Cherubini em 1825. O maestro Muti irá reger a Orquestra Juvenil Luigi Cherubini, por ele fundada. Acompanhando a orquestra estará o Coro da Catedral de Siena “Guido Chigi Saracini”.

Prêmio Ratzinger a Riccardo Muti

Durante o evento, o Papa entregará a Riccardo Muti o *Prêmio Ratzinger 2025*, reconhecimento atribuído anualmente a personalidades eminentes no campo da cultura e da arte. Muti, universalmente reconhecido entre os maiores maestros, teve uma relação de amizade e estima mútua com o Papa Bento XVI, grande admirador de sua arte.

Sensibilização sobre a emergência educacional

“Leone XIV, que vê com benevolência a iniciativa – continua o comunicado –, deseja que seja também uma ocasião de sensibilização, compromisso e solidariedade em relação à emergência educacional, com particular atenção à inclusão escolar. No mundo, 60 milhões de crianças e jovens não estão inseridos em nenhum percurso escolar, enquanto 160 milhões de menores não têm acesso ao ensino secundário”.

O concerto é organizado pela Fundação Pontifícia “Gravissimum Educationis - Cultura para a Educação”, com o patrocínio do Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé. O principal patrocinador do concerto é a “Fundação Galileu”.

Fonte: Vatican News

Cardeal De Mendonça: o esporte e a “arte de estar juntos”

No programa semanal da edição em italiano da Rádio Vaticano intitulado “Histórias de Esporte. Athletica Vaticana é quem conta”, o cardeal José Tolentino De Mendonça reflete sobre a dimensão esportiva: não separa o corpo da alma, pelo contrário, é cultura e escola espiritual para corações inquietos.

Giampaolo Mattei - Vatican News

“O esporte coloca você em contato com as grandes questões do sentido da vida; abre você para a dimensão da transcendência; cria silêncio; é biologicamente comunitário; é laboratório e escola de comunidade; é educação para a integração positiva do limite; coloca você em contato com a ascese, que sempre tem uma natureza religiosa; tem uma dimensão material, mas seu significado está em outro lugar. E se isso não é uma 'escola espiritual', não sei o que são as 'escolas espirituais’”. Quem fala é o cardeal José Tolentino De Mendonça, prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação, convidado do programa semanal “Histórias de Esporte. Athletica Vaticana é quem conta”, transmitido pela Rádio Vaticano-Vatican News.

A visão do esporte permaneceu até agora “muito ligada apenas à dimensão física, paralela e separada da dimensão da vida”, afirmou o cardeal. O esporte não é associado àquele patrimônio — reconhecido, por exemplo, à literatura — “que promove a busca interior pelo conhecimento de nós mesmos em relação às pequenas e grandes questões”.

Justamente por isso, reiterou, o Dicastério para a Cultura e a Educação “é o lugar ideal para uma realidade como a Athletica Vaticana”. Sim, insistiu o cardeal, “o esporte é cultura e a cultura é uma busca sensível de sentido; é a arte de estar juntos, de construir companhia nas diferentes expressões humanas para tornar cada pessoa mais consciente de sua vocação, de seu chamado”.

Este projeto esportivo — o Dicastério e a Athletica Vaticana são os dois sujeitos, profundamente unidos — tem um valor particular no pontificado de Leão XIV que — destacou o cardeal De Mendonça — “não só tem experiência esportiva, mas acima de tudo tem uma grande compreensão do significado e das possibilidades do esporte na evangelização”. O Papa está muito consciente das possibilidades do esporte no campo da evangelização e quer desenvolver essa dimensão que já é hoje a principal manifestação cultural. Para que a Igreja habite os espaços esportivos e a experiência esportiva com propostas de evangelização”.

Mais ainda: “hoje, entre os jovens, cativados pela imensa solidão das telas, o esporte é uma experiência de redenção que ensina a alegria, a beleza das relações”.

E “confiança” é a palavra-chave que o cardeal sugere ao mundo do esporte: “os grandes treinadores e os grandes mestres espirituais em nossa vida são aqueles que nos olharam e não viram a pedra dura, mas a obra-prima”. No olhar do verdadeiro treinador “há tudo: o momento atual e também as possibilidades ocultas. Descobrir, confiar, dizer 'confiança', para chegar à condição de obra-prima, é uma experiência que todo homem e toda mulher precisam sentir em seu coração”.

Para o cardeal, além disso, “é muito interessante que o esporte permita uma espiritualidade para todos que não separa a alma do corpo”, superando “uma grande tentação da cultura ocidental: pensar que há uma vida interior e depois há toda a parte biológica e física”. Em vez disso, “quando se move o corpo, move-se também a alma; quando nossos pés partem, partem também as razões profundas do nosso coração; quando expomos a pele, expomos também o que está dentro do nosso corpo”. E “quanta potencialidade, quanta matéria a experiência esportiva nos oferece para continuar em uma busca espiritual”.

Justamente a experiência da maratona — segundo o cardeal de Mendonça — vale como uma metáfora eficaz da própria existência: “hoje, participam das maratonas principalmente pessoas na metade da vida que fazem esse tipo de ‘prova de vida’: sem dúvida, a exigência de uma maratona tira as pessoas de sua zona de conforto, as coloca em jogo”. Mas, afinal, “o que justifica um esforço como a maratona para uma pessoa de meia-idade? Não é a medalha! O chamado profundo de uma maratona intercepta necessidades mais profundas que não são apenas físicas. É também uma prova de vida interior, feita pelos sedentos, pelos corações inquietos que têm o desejo de respirar e se colocam em busca de razões de sentido, verdade, beleza, superação, resiliência. E tudo isso é busca espiritual”.

Por fim, um olhar para os próximos Jogos Olímpicos de Inverno de Milão-Cortina: “é particularmente significativa a ‘presença’ da Cruz dos esportistas”, que iniciou sua peregrinação olímpica e paralímpica em Londres 2012. Por ocasião do Jubileu do Esporte, no último dia 14 de junho, ela foi confiada à *Athletica Vaticana*. “A Cruz Olímpica — afirmou o cardeal — é também o símbolo da peregrinação da cruz que cada atleta realiza em si mesmo, na cruz tatuada em seu coração. Entendemos a cruz apenas como a mais bela história de amor e, no final, o mais importante é fazer com que cada modalidade esportiva se torne uma grande história de amor”.

Fonte: Vatican News

Prêmio Ratzinger 2025 para Riccardo Muti, um dos maiores maestros italianos

A entrega do prêmio ao maestro será feita por Papa Leão XIV e está prevista para 12 de dezembro, na Sala Paulo VI, durante o tradicional Concerto de Natal. O espetáculo será dirigido pelo próprio diretor de orquestra, ligado ao Papa Bento XVI por amizade e entendimento cultural e espiritual.

Vatican News



Ao maestro italiano Riccardo Muti, diretor de orquestra apreciado em todo o mundo, e também por Bento XVI, o Papa Leão XIV irá entregar o **Prêmio Ratzinger 2025** no próximo dia 12 de dezembro, na Sala Paulo VI, por ocasião do Concerto de Natal, dirigido pelo próprio Muti. A notícia foi divulgada pelo Comitê Científico e pelo Conselho Administrativo da Fundação Vaticana Joseph Ratzinger-Bento XVI, anunciando que a concessão do prêmio ao diretor de orquestra italiano foi aprovada pelo Pontífice.

“O altíssimo valor da arte do maestro Muti - lê-se no comunicado - é universalmente reconhecido, e também Bento XVI se considerava um seu sincero admirador”. E o maestro “retribuiu essa estima com repetidas manifestações pessoais de atenção e afeto, mesmo quando o Papa Bento, após a renúncia, se encontrava no Mosteiro “Mater Ecclesiae”. Ao agradecer à Fundação Ratzinger pela atribuição do Prêmio, o maestro Muti disse ter sempre acompanhado e admirado profundamente o Papa Bento XVI, “cujos pensamentos, reflexões e meditações foram e serão um alimento para os homens e mulheres de boa vontade! O último encontro privado com Bento XVI permanecerá para mim e minha esposa uma lembrança cheia de fé e esperança”.

Como é sabido, lembra a Fundação do Vaticano, entre as artes, Bento XVI apreciava particularmente e praticava pessoalmente a música, e teve a oportunidade de conhecer o maestro Muti e conversar com ele. A entrega do prêmio será, portanto, uma ocasião para o maestro “evocar com gratidão e emoção sua amizade pessoal e entendimento cultural e espiritual com o inesquecível Papa Bento”.

A biografia de Riccardo Muti

Nascido em Nápoles em 1941, Riccardo Muti foi diretor musical do *Maggio Musicale Fiorentino* de 1968 a 1980. Dirigiu a *Philharmonia Orchestra* de Londres de 1972 a 1982 e a *Philadelphia Orchestra* entre 1980 e 1992. Foi diretor musical do *Teatro La Scala* de 1986 a 2005 e, de 2010 a 2023, da Orquestra Sinfônica de Chicago. Atualmente, dirige a Orquestra Juvenil Luigi Cherubini, que fundou em 2004 em Piacenza e Ravenna. Em 2015, fundou a “Riccardo Muti Italian Opera Academy” para jovens maestros.

O Prêmio Ratzinger, instituído em 2011, é concedido anualmente, com a aprovação do Papa, por proposta do Comitê Científico da Fundação, a personalidades eminentes no campo da cultura e da arte de inspiração cristã. Os premiados até agora foram teólogos, biblistas, filósofos, juristas e artistas de diferentes continentes e confissões religiosas.

Fonte: Vatican News

Fórum Nacional de Turismo Religioso em andamento em Trindade

A edição 2025 marca a entrega do Troféu São João Paulo II – Caminho da Fé e da Cultura, que homenageia iniciativas e personalidades ligadas ao turismo religioso, destacando ações de impacto cultural, social e territorial.



[/content/dam/vaticannews/multimedia/2025/novembre/25/WhatsApp-Image-2025-11-21-at-15.37.39-1aem.jpg](#)

A nova edição do Fórum Nacional de Turismo Religioso está sendo realizada nestes dias 25 e 26 de novembro, no Cine Teatro Padre Jesus Flores, no Santuário do Divino Pai Eterno, reunindo lideranças religiosas, representantes do poder público, universidades, empresas do setor turístico e instituições do país. O evento, gratuito, consolida-se como uma das principais plataformas de articulação, pesquisa e negócios voltada ao turismo de fé no Brasil.

A programação inclui palestras, seminários técnicos, apresentações institucionais e rodadas de negócios, além do lançamento e reconhecimento de iniciativas ligadas ao desenvolvimento territorial, inovação e governança do segmento.

Programação e Eixos Temáticos

As atividades neste dia 25 concentram palestras sobre espiritualidade, governança, políticas públicas, dados e hospitalidade. Entre os nomes confirmados estão Pe. Marco Aurélio, Pe. Omar Raposo, Pe. Manoel Filho, Adriane Rengel, Amadeu Castanho e Pw. Rodrigo Castro. No período da tarde, o enfoque será em sustentabilidade integral e planejamento estratégico com Padre Daniel Aguirre.

No dia 26, o evento recebe o 2º Seminário Goiano de Turismo Religioso, promovido pelo SEBRAE Goiás, reunindo representantes da Arquidiocese de Goiânia, Goiás Turismo e operadoras como Cathedral Viagens, TrieloTur, Peregrinos Brasil e Domus Viagens. O objetivo é discutir desafios de mercado, integração regional e oportunidades de comercialização de rotas religiosas.



[/content/dam/vaticannews/multimedia/2025/novembre/25/WhatsApp-Image-2025-11-21-at-15.37.39-1aem.jpg](#)

Palco Pitch terá participação de destinos nacionais

A programação conta também com o Palco Drops/Pitch, formato de rodadas e apresentações rápidas voltado à conexão comercial entre destinos, santuários, agências e operadores turísticos. Entre os participantes estão Nova Trento (SC), Congonhas (MG), Santuário Dom Bosco (DF), SEBRAE-ES e Santuário de La Salette. A proposta é aproximar projetos e roteiros religiosos do mercado, ampliando oportunidades de negócios e articulação institucional.

Reconhecimento Institucional e Chancelas Nacionais

O Fórum Nacional de Turismo Religioso chega nesta edição respaldado por instituições e entidades nacionais que reconhecem sua relevância para o desenvolvimento do turismo de fé no Brasil. O evento recebeu chancela da EMBRATUR – Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo, além do apoio de organizações como a Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo (ABBTUR), SEBRAE, Ministério do Turismo e Confederação Nacional do Turismo (CNTur), reforçando sua legitimidade e papel estratégico no fortalecimento do segmento em escala nacional.

As chancelas consolidam o Fórum como plataforma de integração institucional entre poder público, trade turístico, academia e Igreja, legitimando o evento como espaço de formulação, articulação e promoção do turismo religioso no país.

Premiação e reconhecimento institucional

A edição marca a entrega do Troféu São João Paulo II – Caminho da Fé e da Cultura, que homenageia iniciativas e personalidades ligadas ao turismo religioso, destacando ações de impacto cultural, social e territorial.

O evento também divulgará as submissões aprovadas para publicação na Revista Científica de Turismo Religioso, reforçando o eixo acadêmico e a produção de conhecimento sobre o setor.

Sustentabilidade e ecologia integral

O Fórum adota práticas de responsabilidade socioambiental, com incentivo ao uso de QR Codes, materiais digitais e brindes sustentáveis, reduzindo o consumo de papel e integrando diretrizes ligadas à ecologia integral e ao cuidado ambiental, inspiradas em debates sobre sustentabilidade no turismo religioso e princípios da *Laudato Si*.

Articulação institucional e governança

Criado com foco em planejamento e profissionalização, o encontro reúne representantes de dioceses, santuários, prefeituras, órgãos oficiais, instituições acadêmicas e empresas privadas. O

objetivo é fortalecer a governança, qualificar a gestão dos destinos e alinhar o turismo religioso a estratégias de desenvolvimento territorial, economia local, espiritualidade e preservação cultural.

Fonte: Vatican News

A guerra que rouba a infância das crianças ucranianas

Segundo o UNICEF, pelo menos 3.120 crianças foram mortas ou feridas desde o início da guerra na Ucrânia, sendo que o número real provavelmente é muito maior. O confinamento em abrigos e as condições de deslocamento agravam o risco de epidemias de sarampo, poliomielite, cólera e outras doenças infecciosas, enquanto a fuga das zonas de conflito expõe as crianças a perigos crescentes, como minas terrestres e dispositivos explosivos.

Vatican News

"Doze crianças ficaram feridas em ataques na Ucrânia nos últimos três dias. E, infelizmente, o número de crianças atingidas pelos ataques em Ternopil na semana passada aumentou: seis crianças mortas e 18 feridas. As crianças só querem ter sua infância de volta. Elas precisam poder viver em paz, sem temer por suas vidas", escreveu o UNICEF Ucrânia em seu perfil X, recordando que no país, "entre fevereiro de 2022 e 20 de novembro de 2025, mais de 3.100 crianças foram mortas ou feridas."

De fato, quase quatro anos após a invasão da Ucrânia, a vida de 3,2 milhões de crianças ucranianas está cada vez mais em risco, presas ou deslocadas dentro do país, fugindo ou buscando refúgio em países de acolhimento. Vítimas de violência e destruição, trauma, deslocamento e perdas irreparáveis, elas tiveram sua infância roubada: 1 em cada 5 crianças perdeu um membro da família ou um ente querido, com sofrimento que afeta todos os aspectos de sua infância.

Devido à violência, mais de 3,6 milhões de ucranianos estão deslocados dentro do próprio país e 5,8 milhões refugiados em outros países, naquela que é a crise de refugiados de crescimento mais rápido na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.



22/10/2025

Ataque russo contra jardim da infância deixa um morto e feridos em Kharkiv

Durante a noite a Rússia lançou 405 drones, a maioria do tipo Shahed, e 28 mísseis, 15 dos quais balísticos contra a Ucrânia. Embora a maioria tenha sido abatida, 12 mísseis e 55 ...

Nada escapa dos ataques russos: hospitais, maternidades, enfermarias pediátricas, escolas e orfanatos estão sob fogo intenso, juntamente com prédios residenciais, casas, abrigos e infraestrutura essencial. Graves violações do direito internacional humanitário foram relatadas contra civis, incluindo mulheres e crianças, com sérias consequências para sua saúde mental.

3.120 crianças mortas ou feridas

As crianças são as principais vítimas: pelo menos 3.120 crianças foram mortas ou feridas desde o início da guerra na Ucrânia, sendo que o número real provavelmente é muito maior. O confinamento em abrigos e as condições de deslocamento agravam o risco de epidemias de sarampo, poliomielite, cólera e outras doenças infecciosas, enquanto a fuga das zonas de conflito expõe as crianças a perigos crescentes, como minas terrestres e dispositivos explosivos.

Devido à guerra, 70% das crianças na Ucrânia não têm acesso a bens e serviços básicos, com 3,5 milhões de crianças privadas de cuidados de saúde essenciais, água e higiene, educação e espaços seguros em casa ou ao ar livre, com graves consequências para a sua proteção e saúde mental.

Os contínuos ataques à infraestrutura civil estão causando danos extensos aos sistemas de energia, aquecimento e água, comprometendo gravemente o acesso de crianças e famílias a serviços essenciais, instalações médicas e educação. Somente os sistemas de aquecimento, vitais para quase metade da população durante o rigoroso inverno ucraniano, sofreram danos que somam mais de 2,5 bilhões de dólares desde fevereiro de 2022.

Dados da crise: não apenas números, mas perdas para a infância devastada pela guerra

Os números da crise causada pela guerra são dramáticos. Mais de 14,6 milhões de pessoas precisam de assistência humanitária na Ucrânia e nos países de chegada de refugiados: 3,2 milhões são crianças menores de 18 anos, incluindo 2,5 milhões na Ucrânia, e mais de 666.300 refugiados na Europa.

Na Ucrânia, 9,2 milhões de pessoas precisam de cuidados médicos, 8,5 milhões não têm acesso a água e saneamento básico. Mais de 3,5 milhões de crianças precisam de proteção, incluindo crianças deslocadas, crianças com deficiência ou crianças em instituições para menores. Mais de 1,6 milhão precisam de assistência educacional e 1,4 milhão de pessoas precisam de apoio financeiro.

Nos países de chegada de refugiados, mais de 285.700 pessoas precisam de assistência médica e nutricional, pelo menos 13.000 precisam de água potável e produtos de higiene essenciais e 645.300 precisam de serviços de proteção à criança. Quase 545.300 crianças refugiadas precisam de apoio educacional e mais de 189.900 precisam de apoio financeiro para suprir suas necessidades básicas.

**Com informações de UNICEF*

Fonte: Vatican News

Sinais de paz para a Ucrânia, mas Moscou rejeita as propostas da UE

Há um novo plano de paz EUA-Ucrânia com 19 pontos após as negociações de segunda-feira entre as duas delegações em Genebra. "O plano original de 28 pontos não existe mais. Alguns pontos foram eliminados, outros modificados", anuncia a presidência ucraniana. A reação russa é gélida, considerando as correções pouco construtivas

Vatican News

A guerra na Ucrânia continua sem cessar. Durante a noite, ataques russos com mísseis e drones contra Kiev mataram seis pessoas, feriram 13 e causaram extensos danos a edifícios residenciais e infraestrutura civil. Os ucranianos responderam lançando drones na região de Rostov, matando três e ferindo oito. O Ministério da Energia da Ucrânia também relatou um ataque russo massivo à infraestrutura energética do país, enquanto a Força Aérea emitiu um alerta geral de ataque aéreo durante a noite. O prefeito Vitaliy Klitschko relatou que ocorreram cortes de energia e água em algumas áreas de Kiev.

Reunião entre Trump e Zelensky possível até novembro

Enquanto isso, os Estados Unidos e a Ucrânia, após as negociações em Genebra, na Suíça, elaboraram um novo acordo de paz de 19 pontos, disse o primeiro vice-ministro das Relações Exteriores da Ucrânia ao *Financial Times*. Foi "uma reunião intensa, mas produtiva", explicou ele, e a nova proposta gerou "otimismo" em ambos os lados. As questões mais controversas, especialmente as territoriais, foram colocadas de lado, deixando a decisão final para Donald Trump e Volodymyr Zelensky. Os ucranianos afirmaram que "não têm mandato" para tomar decisões sobre a transferência de territórios, como sugerido na versão original do acordo, que, segundo a Constituição ucraniana, exigiria um referendo nacional. Trump está disposto a conceder mais tempo às negociações, adiando o prazo anteriormente estabelecido para 27 de novembro por uma semana. A reação da Rússia foi gélida, rejeitando as emendas feitas com a contribuição europeia como "não construtivas". O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, enfatizou que o Kremlin "não tem nada a dizer" sobre as notícias de que o secretário do Exército dos EUA, Dan Driscoll, teria realizado conversas a portas fechadas com uma delegação russa em Abu Dhabi, acrescentando que Moscou ainda não recebeu nenhuma atualização dos Estados Unidos sobre seus planos para a Ucrânia, após a divulgação de informações sobre o novo plano de 19 pontos. O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, também comentou as negociações, afirmando que a Rússia espera que os Estados Unidos apresentem uma versão provisória

do plano para a resolução do conflito ucraniano, acordada com a Europa e Kiev. E, nas últimas horas, o secretário para a Segurança da Ucrânia, Rustem Umerov, afirmou que o governo de Kiev está ansioso para organizar uma visita do presidente da Ucrânia aos Estados Unidos o mais breve possível em novembro, para concluir as etapas finais e chegar a um acordo com o presidente Trump.

Sinais positivos também para a UE

O presidente do Conselho Europeu, António Costa, também aprovou o novo texto. "A reunião em Genebra", explicou ele ao final de um encontro de líderes europeus com representantes da União Africana em Angola, "entre os Estados Unidos, a Ucrânia, as instituições da União Europeia e representantes europeus, marcou um progresso significativo." Sobre as negociações em Genebra, Costa declarou que Bruxelas "acolhe com satisfação este passo em frente. Algumas questões ainda precisam ser resolvidas, mas a direção é positiva, e apreciamos os esforços dos presidentes Zelensky e Trump e suas iniciativas."

Em declarações à mídia vaticana, Antonio Villafranca, vice-presidente do Ispi, enfatizou que a proposta estadunidense de 28 pontos é atualmente bastante conhecida, enquanto não há indicações da proposta de 19 pontos que surgiu das negociações de Genebra. Segundo o especialista em geopolítica, as negociações se concentram em três questões principais. A primeira é a segurança, ou seja, como defender o território ucraniano de possíveis novos ataques russos. A segunda questão crucial a ser resolvida é quais territórios serão cedidos à Rússia, pois quatro províncias orientais do país estão ocupadas por tropas de Moscou, mas nem todas estão totalmente sob controle russo. Portanto, explica Villafranca, "há uma disputa sobre onde traçar a linha da futura fronteira". O terceiro ponto diz respeito à questão do uso de ativos russos congelados em bancos europeus para a reconstrução da Ucrânia.

Próximos passos nas negociações

Villafranca também aborda a questão da adesão da Ucrânia à OTAN, sobre a qual a Rússia não está disposta a fazer concessões, enquanto Putin não tem intenção de se opor à adesão da Ucrânia à União Europeia. O vice-presidente do Ispi observa que a Europa e os Estados Unidos pretendem fazer cumprir no Plano o artigo 5º da OTAN, que prevê a intervenção da coalizão em favor da Ucrânia em caso de nova agressão. Por fim, Villafranca acredita que os próximos passos nas negociações serão a finalização de um Plano totalmente apoiado por Washington, Kiev e a Europa. A versão final será então apresentada a Moscou, que, segundo o representante do Ispi, buscará retornar ao texto de 28 pontos, mais favorável às suas posições.

Fonte: Vatican News

Tailândia: a compaixão dos missionários nas aldeias de Chiang Mai

Entre os arrozais e os templos do norte da Tailândia, missionários "Identos" vivem ao lado das famílias das aldeias, transformando a vida partilhada num lugar de encontro entre o Evangelho e as tradições locais.

Eleanna Guglielmi



Religiosos de Chiang Mai encontram as famílias nas aldeias montanhosas, levando oração e solidariedade

«Não temais a nossa pequenez: às vezes, ouvir alguém com o coração é a mais profunda proclamação do Evangelho». Com estas palavras, Yotsaya, missionária, fornece uma das chaves da missão entre as aldeias tailandesas dos Karen, Lahu, Akha, Hmong e Lisu. Aqui, a vida depende de

trabalhos diários e de uma agricultura incerta. Os jovens abandonam cedo a escola, os idosos e as crianças continuam a ser os mais expostos ao smog, às inundações e à precariedade. No meio destas fragilidades, a presença católica, pequena minoria num país de maioria budista, torna-se compaixão, atenção, convivência.

Uma Igreja jovem e minoritária

No norte da Tailândia, o anúncio do Evangelho só chegou depois da Segunda Guerra Mundial, enraizando-se entre os povos tribais das montanhas. Hoje, os católicos continuam a ser uma pequena percentagem, mas a Igreja escolheu ser missionária: as relações com as outras religiões não se limitam a encontros oficiais, mas ganham forma nas aldeias e nas escolas, onde projetos agrícolas, de saúde e educativos se tornam espaços partilhados e se cruzam com a vida de famílias de diferentes credos. A Igreja participa nas festas, nos cânticos e nas tradições locais, optando por não se substituir, mas por se inserir como uma presença amiga que guarda e reforça a coesão social. «Celebramos em tailandês – explica o padre Thinnakorn, missionário idêntico –, mas as pessoas respondem na sua língua, e os cânticos transmitem uma espiritualidade que não precisa de traduções». As liturgias e a catequese são frequentemente inculturadas, marcadas pelo uso das línguas locais e pela atenção às tradições tribais. Muitos fiéis pertencem aos grupos Karen, Lahu, Akha, Hmong e Lisu, com um forte sentido comunitário que se torna terreno fértil para o testemunho cristão. Na capital, a missão muda de cenário. «Muitos jovens chegam sozinhos, sem família nem redes de apoio», conta Cristina. «A primeira necessidade é alguém que os ouça». Ao lado dela, Esterlicia acrescenta: «Não é suficiente o pacote de alimentos. Oferecer oportunidades de estudo e crescimento é a forma de restaurar a confiança».



Os missionários ao visitar um doente na sua casa

Falta de futuro, a verdadeira miséria

«Uma menina de 14 anos queria continuar a estudar», conta Yotsaya, «mas já sabia que teria de interromper os estudos em breve para ajudar a família». E acrescenta: «Isso fez-me perceber que a pobreza não significa apenas falta de dinheiro, mas falta de oportunidades e um futuro negado». É essa a verdadeira miséria: não ter perspetivas. Nas aldeias, as crianças partilham os seus doces, os vizinhos apoiam-se mutuamente nas dificuldades, mas a precariedade permanece. Trabalhos ocasionais, migrações forçadas, jovens obrigados a abandonar a escola, idosos e crianças mais vulneráveis aos efeitos da poluição e das catástrofes naturais: aqui, a pobreza tem o rosto concreto das escolhas malogradas e das vidas suspensas.

As feridas que se tornam consolo

«Conhecemos um casal de idosos que tinha perdido os dois filhos», recorda Esterlicia. «No início, não queriam ver ninguém. Depois, visita após visita, voltaram a sorrir». É em gestos tão simples que a missão se torna proximidade, escuta, amizade fiel que devolve dignidade e coragem.

Um coração compassivo

A missão de Chiang Mai visa as relações. A sua atividade pastoral conjuga-se com o empenho social e caritativo: escolas, hospitais, centros de saúde, projetos agrícolas e programas de desenvolvimento para as comunidades montanhosas. É dada especial atenção aos pobres, aos migrantes, aos menores e às pessoas vulneráveis.



Momentos em que as comunidades religiosas da diocese de Chiang Mai visitam os idosos

O diálogo inter-religioso é diário, com monges budistas, leigos muçulmanos e comunidades animistas, e traduz-se em iniciativas comuns pelo ambiente, a paz e a educação. «Viver no meio dessas dificuldades - explicam Thinnakorn e Thannoungsak – fez-nos compreender que a consagração significa compartilhar a vida concreta, não apenas ensinar, mas estar ao lado com um coração compassivo».



Jovens de Chiang Mai compartilham uma refeição ao ar livre

A força da simplicidade

Vinte e três anos após a chegada a Chiang Mai, os missionários e as missionárias continuam a sua presença silenciosa e tenaz. «A simplicidade: até o que é pequeno tem um grande valor, pois testemunha um Deus que está sempre próximo dos mais pequenos», destaca Thinnakorn. «Aprendi que ter um coração manso e compassivo é um caminho para compreender o amor de Deus e para viver como irmãos sob um único Pai». Na pequenez dos gestos diários, o Evangelho encontra o seu rosto mais credível.

Fonte: Vatican News

O apelo dos bispos na Nigéria para parar com a violência que ensanguenta o país

Após os últimos sequestros em duas escolas e o ataque a uma igreja pentecostal, a Conferência Episcopal pede ao governo que tome medidas concretas e imediatas para garantir a segurança de todos os cidadãos. Dom Bulus Dauwa Yohanna, bispo de Kontagora, diocese da Escola Católica Santa Maria, alvo dos bandidos: “as pessoas estão cansadas. O risco é que, mais cedo ou mais tarde, a justiça seja feita por conta própria”.

Federico Piana - Vatican News

Desta vez, a reação é forte, determinada, indignada. Por vezes, desesperada. É com um comunicado oficial que nesta terça-feira (25/11) os bispos da Nigéria clamam ao mundo inteiro a dor de toda a Igreja local pela escalada de violência, sequestros e assassinatos, que estão aquecendo, dizem eles, o clima social e religioso já frágil e comprometido. Que corre o risco, mais cedo ou mais tarde, de explodir.

Sequestros em massa



Seus pensamentos vão para o último sequestro em massa, ocorrido há alguns dias, na Escola Católica Santa Maria de Papiri, na região centro-norte do país, de onde foram levados 12 professores e 303 alunos, 50 dos quais conseguiram escapar das garras de seus algozes. Mas também ao sequestro de 25 alunas de uma escola do estado de Kebbi, ao ataque a uma igreja cristã pentecostal em Eruku, no estado de Kwaran, e ao sequestro de um padre católico da arquidiocese de Kaduna. Só para citar os crimes mais recentes, que representam apenas a ponta do iceberg.

Grave preocupação

“Enquanto grupos de assassinos continuam espalhando o terror sobre cidadãos indefesos, condenamos veementemente essas atrocidades que causaram uma angústia indescritível. É motivo de grave preocupação o fato de que várias comunidades predominantemente cristãs, especialmente nas regiões do norte e do centro do país, tenham sido alvo de repetidos e brutais ataques, que causaram pesadas perdas”, denuncia a Conferência Episcopal.

Maior coesão

Os bispos estão convencidos de que o aumento dos crimes é sinal de uma profunda crise institucional e que o governo deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para aumentar a segurança dos cidadãos e levar à justiça os responsáveis por crimes hediondos que ameaçam minar a coesão nacional.

Violações persistentes

Mas eles também chamam a atenção “para as violações persistentes dos direitos e liberdades das minorias cristãs em vários estados do norte. A negação de terrenos para a construção de igrejas, particularmente dentro de instituições federais, e a destruição de locais de culto cristãos, especialmente no auge da insurreição do Boko Haram: questões que exigem uma ação governamental urgente e decisiva”.

Raiva avassaladora

A população está cansada e corre o risco de explodir em manifestações de raiva que podem ser avassaladoras. E difíceis de conter. Dom Bulus Dauwa Yohanna, bispo de Kontagora, a diocese da Escola Santa Maria atacada por bandidos, percebeu isso há muito tempo. E conta isso à mídia do Vaticano, com uma mistura de resignação e medo: “a população reagiu de forma violenta porque está insatisfeita: a insegurança está na ordem do dia. O governo precisa tomar medidas drásticas para proteger a vida e a propriedade das pessoas”.

Paz e unidade

O que dom Yohanna não consegue explicar são as razões profundas desses ataques, que muitas vezes também têm como alvo os cristãos. “Acho que os bandidos procuram alvos fáceis. Por exemplo, no estado de Kebbi, quase todos os sequestrados eram muçulmanos. Portanto, acredito que alguns desses movimentos são compostos por verdadeiros criminosos que só querem ganhar dinheiro”. O que alarma o bispo é também a possibilidade de as pessoas começarem a fazer justiça com as próprias mãos. “A Igreja — explica — continua rezando para que isso não aconteça. Neste momento, precisamos trabalhar juntos e não nos dividir. A paz só pode chegar se estivermos unidos”.

Esperança que não morre

Como reiterou a Conferência Episcopal em comunicado, a esperança não foi cancelada e cada nigeriano é chamado a ser “um agente de cura, a rejeitar o ódio e a retaliação, a pronunciar palavras que

favoreçam a compreensão e a apoiar a justiça, o diálogo e o respeito mútuo”. Um compromisso ao qual também seria chamada a comunidade internacional que, segundo dom Yohanna, nos últimos anos, porém, tem estado bastante ausente: “se nossos líderes tivessem sido chamados a cumprir seus deveres, certamente algo positivo teria surgido. Se isso tivesse sido feito, não estaríamos na situação dramática em que nos encontramos hoje”. E que corre o risco de se transformar em uma guerra de todos contra todos, se não forem tomadas medidas concretas e urgentes.

Fonte: Vatican News

Criatividade nos ambientes digitais para aproximar os jovens à Palavra de Deus

Foi o convite do Papa Leão XIV aos membros do Comité Diretivo da Federação Bíblica Católica, reunidos em Roma de 17 a 22 de novembro, juntamente com os Coordenadores regionais. Em entrevista com a Rádio Vaticano – Vatican News, a Ir. Elisabete Corazza, FSP, e o Padre Allancastro Silva, SVD, falaram do encontro e sua experiência e missão na animação bíblica.

Bernardo Suate – Cidade do Vaticano



Ir. Elisabete Corazza, FSP, e o Padre Allancastro Silva, SVD, nos estúdios da Rádio Vaticano

A Ir. Elisabete Corazza, FSP, é missionária em Angola e o Padre Allancastro Silva, dos Sacerdotes do Verbo Divino, está na Espanha e se ocupa da animação bíblica na Congregação. Ambos participaram na Conferência do Comité Diretivo da CBF com os Coordenadores, que iniciou com uma audiência com o Santo Padre Leão XIV e decorreu em dois momentos principais: as jornadas na Universidade Santa Croce e os dias de reflexão sobre a experiência da Federação nas diferentes regiões.

Recuperar centralidade da Palavra de Deus

Foi muito intenso o encontro com o Papa Leão, que a todos chamou ao verdadeiro centro da missão: recuperar a centralidade da Palavra de Deus, e continuar a trabalhar para dar um acesso livre e amplo à Sagrada Escritura, até aos lugares mais remotos. “O Papa pediu também para sermos criativos no utilizo dos ambientes digitais e fazermos com que os jovens, nesse mundo digital, se sintam convidados a estar com o Senhor por meio da Palavra de Deus”, enfatizou a Ir. Corazza.

Federação Bíblica filha do Concílio Vaticano II

A Federação Bíblica Católica nasce do Vaticano II como plataforma para ajudar as Conferências Episcopais e as Instituições ao serviço da Palavra de Deus, ressaltam os dois missionários brasileiros, e a Dei Verbum na Federação é como a “Carta Magna”, que a todos orienta para que todo o Povo de Deus tenha acesso à Palavra de Deus e à compreensão das Escrituras, e fazer com que esta Palavra seja raiz e fonte de toda a pastoral.

A Federação reúne-se em Assembleia Geral Plenária de seis em seis anos, depois da qual existem as reuniões gerais, e uma delas é a Conferência de Coordenadores, explica o Padre Silva, que também reitera que na Federação existem os membros plenos (as Conferências Episcopais com os seus Departamentos de animação bíblica) e os membros associados (Congregações, Institutos, Universidades que trabalham na difusão, animação e investigação bíblica).

Plasmar a Dei Verbum na pastoral de cada Igreja particular

O Padre Allancastro e a Ir. Elisabete falaram igualmente da sua participação, na Universidade Santa Croce, no seminário em que se sublinhou a história da recepção da Dei Verbum e de como plasmar o seu conteúdo na pastoral de cada Igreja particular, dando também pistas e perspetivas para o futuro.

A Conferência prosseguiu com alguns dias de reflexão sobre as atividades da CBF nas diferentes regiões (América Latina, América do Norte, Ásia, Oceânia, Europa, Médio Oriente e África), para tudo colocar nas mãos do Comité Diretivo que, em seguida, vai elaborar o plano de trabalho para os próximos anos.

Bíblia, livro mais vendido de todos os tempos, mas será que ela é lida de verdade?

Não faltou uma reflexão dos nossos dois missionários sobre como é acolhida, hoje, a Palavra de Deus, no mundo para sublinhar que, embora a Bíblia seja o livro mais vendido e distribuído de todos os tempos, fica sempre a questão se ela é lida na verdade. E, para o Padre Silva, o desafio é também de evitarmos o risco de cairmos no fundamentalismo religioso com leituras superficiais e manipulação das Escrituras em vez de permanecermos ancorados na centralidade da Palavra de Deus:

Gente que não sabe ler mas proclama com a vida a Palavra de Deus

“Devemos encontrar uma síntese, da la leitura simples e popular das Escrituras até o mais alto nível do Instituto Bíblico ou da investigação bíblica e da exegese”, ressalta o Padre Allancastro. Enquanto, para a Ir. Corazza, o desafio é de sermos todo o dia convidados a viver um contínuo processo de conversão e nos deixar purificar pela Palavra. E a Religiosa Paulina falou da sua experiência em Angola onde, disse, aprendeu a compreender mais a Palavra pela dimensão da oralidade: “existe gente que não sabe ler o texto bíblico, mas que sabe proclamá-lo com a vida”.

Em conclusã0, o Padre Silva, na sua experiência como Verbita na animação bíblica, mencionou a publicação da Bíblia da Criança, por eles feita em 278 idiomas, chegando a alcançar até lugares muito distantes: “e tem pessoas que aprenderam a ler com essas Bíblias”, observou o sacerdote.

Na Federação Bíblica aprende-se a ampliar os horizontes ...

Enfim, na Federação aprende-se a ampliar um pouco mais os horizontes, a não estar apenas concentrados em si, no seu bairro, a sua paróquia, as suas coisas ..., “porque somos parte de uma grande família que é a Igreja universal, que é diversificada, internacional, e somos chamados a construir comunhão nessa diversidade – e este é o maior testemunho que o trabalho na Federação bíblica nos dá, e que devemos exercitar cada dia”, dizem em conclusão os dois missionários.

Fonte: Vatican News

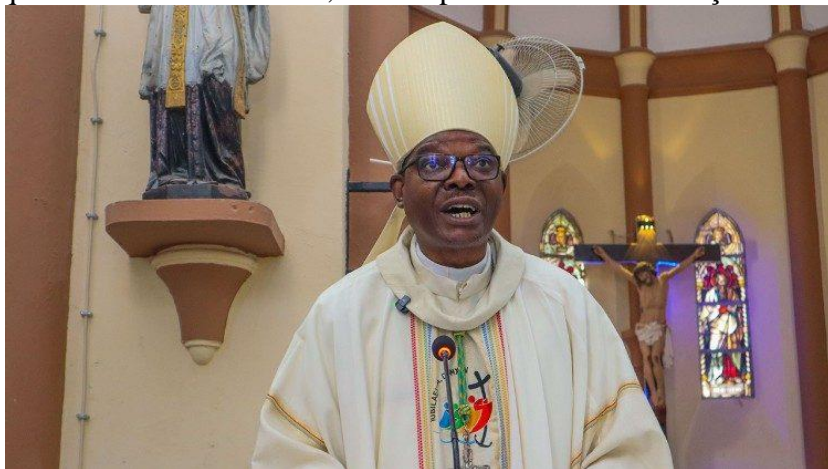
Celebrações Jubilares dos acólitos e jovens marcam o final de semana na Igreja da Beira

Na continuidade das actividades programadas para o Ano Santo de 2025 e os 100 anos da Sé Catedral da Beira, tiveram lugar as celebrações jubilares dos acólitos e dos jovens, este último que coincidiu com a Solenidade de Cristo de Rei do Universo – Dia Mundial da Juventude.

Rogério Maduca – Beira, Moçambique

A missa desta solenidade na Arquidiocese da Beira, foi presidida pelo Bispo Auxiliar, Dom António Constantino, concelebraram o Arcebispo, Dom Cláudio e vários sacerdotes.

Contrariamente aos reis do mundo, estes que oprimem e exploram, Cristo o Rei do Universo, é um rei que salva e ensina a amar, disse o presidente da celebração.



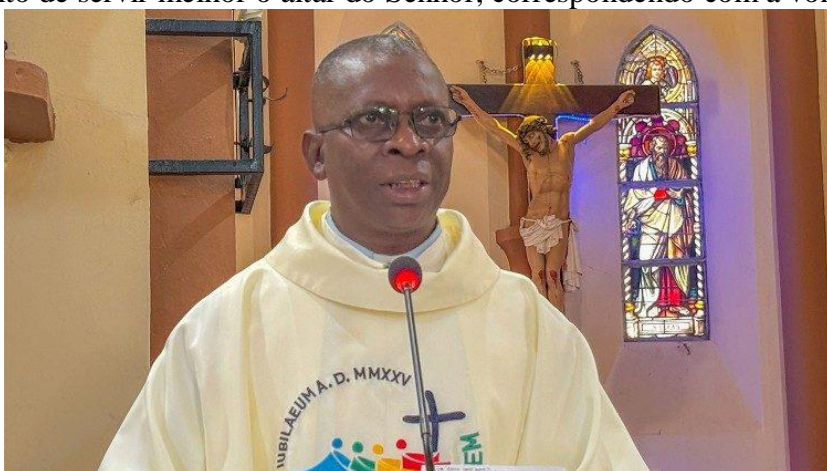
Dom António Constantino, Bispo Auxiliar da Beira (Moçambique)

Aos jovens, Dom Constantino lembrou que cada um tem a missão de cuidar de si e dos outros, algo que se vive na esperança activa. Por isso, continuou o prelado, o jovem deve ser um sinal de esperança para moçambique e para Igreja.



Sé Catedral recebeu os jovens e acólitos em peregrinação, para a celebração da Missa

No dia anterior, a Sé Catedral recebeu os acólitos em peregrinação, durante a homilia na missa por ocasião do evento, o Padre Sílvio Anovo, presidente da celebração, apelou os acólitos a viver o propósito de servir melhor o altar do Senhor, correspondendo com a vontade de Deus.



Padre Sílvio Anovo na Missa do Jubileu dos acólitos e jovens, na arquidiocese da Beira

As duas celebrações foram marcadas por uma peregrinação à Sé Catedral, catequese e missa. Momentos que renovaram e fortaleceram a fé dos peregrinos.

Fonte: Vatican News

Dom Inácio Saure desafia crismandos à conversão autêntica

No último sábado (22/11), mais de 300 fiéis receberam o Sacramento do Crisma na Paróquia da Santa Cruz, na Arquidiocese de Nampula, norte de Moçambique. Na homilia, Dom Inácio Saure apelou à conversão verdadeira, ao compromisso com a fé e à rejeição da imoralidade.

Cremildo Alexandre – Nampula, Moçambique



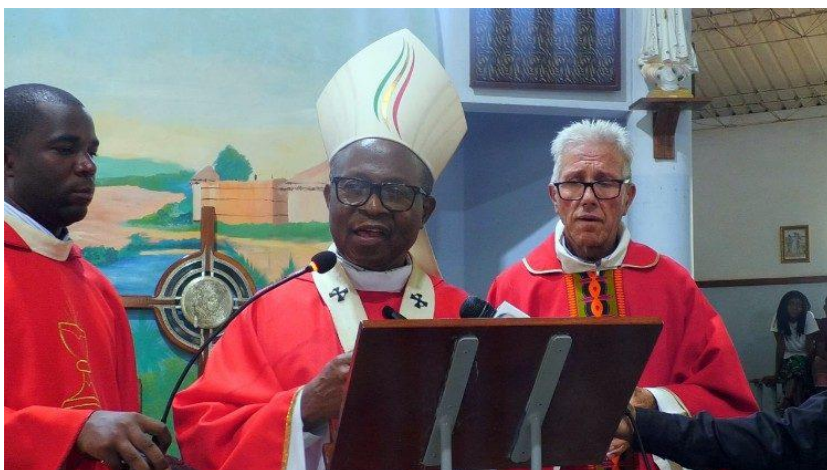
Dom Saure com crismandos em Nampula

A Paróquia da Santa Cruz, na Arquidiocese de Nampula, acolheu no último sábado, 22 de Novembro, a administração do Sacramento do Crisma a mais de 300 fiéis, entre adolescentes, jovens e adultos. O Arcebispo de Nampula, Dom Inácio Saure, na homilia apelou à conversão autêntica e à vivência coerente da fé cristã.

A formação cristã não termina com o Crisma

Na sua reflexão, o Arcebispo sublinhou que muitos cristãos conhecem pouco sobre Deus e que a formação cristã não termina com o Crisma: “Mesmo aquilo que sabe o Padre ou o Bispo sobre Deus ainda é pouco. É preciso testemunhar esta presença de Jesus na nossa vida.”

Dom Inácio alertou para comportamentos que considera contrários ao Evangelho, como por exemplo, a vida moral incoerente, a participação em grupos desaconselháveis e em decisões que afastam os fiéis da comunidade.



Dom Saure fazendo homilia em Nampula

Espalhem o “perfume agradável de Cristo” no mundo

Falando de forma direta, o bispo comparou certos comportamentos ao “acidente”, termo popular usado para justificar faltas graves: “Dizem que foi acidente, mas não foi acidente nada. É imoralidade, é pecado.”

O prelado insistiu que o Crisma deve tornar os fiéis “criaturas novas”, capazes de espalhar o “perfume agradável de Cristo” no mundo: “Infelizmente, quando passa um que foi crismado ontem, às vezes sente-se o cheiro sujo do pecado. Por quê? Porque o sacramento não levou à conversão.”

Dom Inácio desafiou os jovens a rejeitarem o abandono da Igreja, a falta de oração e a ausência na vida comunitária, alertando que “católico ignorante é um futuro protestante”, como se diz no Brasil.



Dom Inácio com os crismandos em Nampula

A conversão é um processo contínuo

O prelado frisou ainda que a conversão é um processo contínuo: “Quem deixa de aprender, de rezar, de servir, torna-se um cristão perigoso, um pagão perigoso.”

Os recém-crismados agradeceram aos catequistas, familiares e toda a comunidade que os acompanhou no percurso de preparação. Manifestaram ainda o desejo de continuar firmes na fé e de anunciar a Palavra de Deus após o sacramento.

África do Sul. Comissão de Justiça e Paz da SACBC louva as Resoluções do G20

A Comissão de Justiça e Paz da Conferência dos Bispos Católicos da África Austral (SACBC) acolheu e elogiou as principais resoluções resultantes da recente Cimeira de Líderes do G20, reconhecendo a sua consonância com os apelos de longa data por justiça global, solidariedade e desenvolvimento inclusivo.

Sheila Pires – Joanesburgo, África do Sul



Dom Thulani Victor Mbuyisa, Bispo do Gabinete para a Comissão de Justiça e Paz na SACBC, com algumas Religiosas, na Conferência G20 África

Realizada no Nasrec Expo Centre, sob o tema ‘Solidariedade, Sustentabilidade e Igualdade’, a cimeira de 22 a 23 de novembro contou com a participação de Chefes de Estado e de Governo do bloco do G20, com exceção da nova Presidência do G20, os Estados Unidos da América.

Compromisso com o Multilateralismo e a Cooperação Global

Numa declaração partilhada com a Vatican News, o Presidente do Departamento de Acção Social da SACBC e Bispo do Gabinete para a Comissão de Justiça e Paz, Dom Thulani Victor Mbuyisa, assinala com apreço a forte reafirmação da cooperação multilateral por parte dos líderes do G20.

O Bispo Thulani Victor Mbuyisa afirmou: “Saudamos o apelo renovado à parceria global e o compromisso de não deixar ninguém, nenhuma comunidade e nenhum país para trás, especialmente num momento em que o mundo enfrenta profundas desigualdades e incerteza económica.”

Progressos na sustentabilidade da dívida

O membro da Congregação dos Missionários de Mariannhill (CMM) elogiou ainda o apoio renovado do G20 em relação às dívidas por parte dos países endividados. “Louvamos o apoio do G20 à transparência da dívida, ao tratamento justo da dívida e ao reforço da capacidade de gestão da dívida por parte dos países endividados. Estes passos respondem directamente aos apelos dos líderes religiosos, incluindo da SACBC”, afirmou.

O Presidente da Comissão de Justiça e Paz da SACBC recordou que estas questões estiveram em destaque nas petições submetidas ao Ministro Ronald Lamola antes da Cimeira do G20, como parte de um esforço coordenado por líderes religiosos, liderado pela SACBC.

“Recordamos que a SACBC e outros líderes religiosos apresentaram petições ao Ministro Ronald Lamola antes da Cimeira, e encorajamo-nos pelo facto de estas preocupações se terem refletido nas resoluções finais”, disse o Bispo Mbuyisa.

Combater as desigualdades e promover o desenvolvimento inclusivo

O Bispo reconheceu igualmente o reconhecimento, por parte do G20, das profundas desigualdades, tanto dentro dos países como entre eles, e saudou “o enfoque na industrialização inclusiva, no empoderamento económico das mulheres, na inclusão financeira e na redução das desigualdades entre e dentro das nações”.

Um momento histórico para África

Por fim, o Bispo Mbuyisa elogiou a África do Sul por ter acolhido, com sucesso, a primeira Cimeira de Líderes do G20 em solo africano, “assinalando um momento significativo para a voz de África nos assuntos globais”.



Dom Bispo Thulani Victor Mbuyisa e participantes na Conferência G20
Fonte: Vatican News

Nove casais celebram o sacramento do matrimônio em celebração na Paróquia Cristo Rei



Em uma cerimônia marcada por fé, emoção e forte participação da comunidade, nove casais celebraram o sacramento do matrimônio, na Paróquia Cristo Rei, em Gravataí.

A celebração aconteceu no último sábado, 22, coroando um período significativo de preparação e acompanhamento pastoral, reforçando o compromisso da Igreja com a promoção e o fortalecimento da vida familiar.

Os casais, que já conviviam há algum tempo, participaram do *Itinerário de Preparação para o Sacramento do Matrimônio* proposto pela Arquidiocese de Porto Alegre. A formação, conduzida pela Pastoral Familiar da paróquia, teve como objetivo aprofundar a compreensão do matrimônio como vocação e sacramento, integrando plenamente os noivos à vida eclesial.

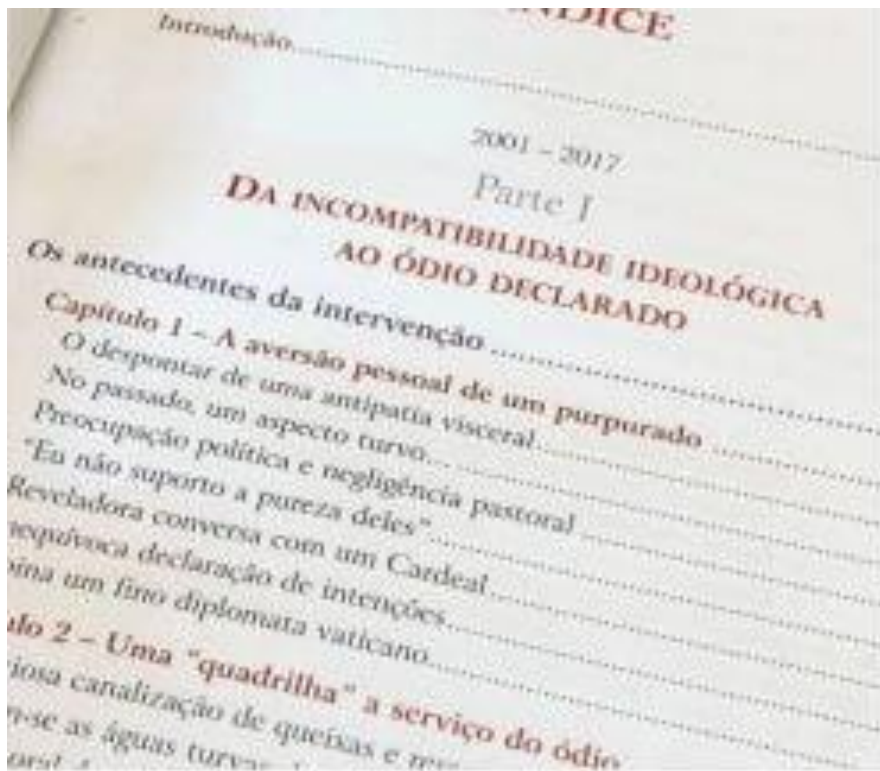
O pároco, padre Adalberto Marques Izaías, teve papel central no processo. Além de orientar a catequese matrimonial, ele presidiu a celebração, que contou com um dos momentos mais marcantes da noite: o sacerdote cantou para os casais, gesto que emocionou os presentes e reforçou o clima de acolhimento e alegria.

A iniciativa da Paróquia Cristo Rei evidencia a importância do acompanhamento pastoral e da evangelização de casais que buscam regularizar sua situação matrimonial perante a Igreja. O trabalho realizado oferece não apenas formação, mas um verdadeiro caminho de fé, discernimento e integração comunitária, fortalecendo a vivência do sacramento na vida familiar.

Fonte: Arquidiocese de Porto Alegre

A quase-renúncia de Dom Damasceno: porta para um diálogo tardio ou rampa para novos atropelos?

Estamos no meio de um caso mundial suscitado pela publicação de um livro-denúncia em que os Arautos proclamam pelos telhados a reconstituição dos fatos da intervenção do dicastério vaticano e os atropelos ao direito.



A notícia, inicialmente veiculada por Specola na Infovaticana, foi confirmada pouco depois pela *Gaudium Press*: o Cardeal Raymundo Damasceno Assis, de 88 anos, enviou ao dicastério para a Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica a sua renúncia ao cargo de Comissário Pontifício dos Arautos do Evangelho. Poucos dias depois, era noticiado que sua renúncia não fora aceita pelo dicastério, sob a direção da Irmã Simona Brambilla, MC.

A renúncia era esperada: há muito vinha crescendo o abismo entre o dicastério e o comissário. E qual o contexto? Estamos no meio de um caso mundial suscitado pela publicação de um livro-denúncia em que os Arautos proclamam pelos telhados a reconstituição dos fatos da intervenção do dicastério vaticano e os atropelos ao direito).

Não é preciso dizer que a notícia está fervilhando nos corredores do Vaticano e na opinião pública em geral, principalmente nas Américas e na Europa. A razão é muito simples: os Arautos, gostem ou não deles, chamam a atenção. Ora, esta atenção se multiplica quando se constata incontáveis atropelos jurídicos, fundamentados em abusos de autoridade de todo tipo, gerando consequências desastrosas.

Os atropelos por parte do dicastério não pouparam sequer o comissário, nomeado pelo próprio Vaticano. Dom Damasceno, cuidadoso e calculista, era afeito a métodos que contrastavam com a cupidez do dicastério, afim a medidas destrutivas, despachadas e alheias ao direito. Destarte, o purpurado brasileiro foi paulatinamente posto à margem, até que seu campo de ação ficou cerceado por completo, até levar a uma situação contraditória: um “comissário comissariado”...

A atitude da Irmã Simona Brambilla não foi menos surpreendente: numa agilidade jamais vista nas respostas do dicastério, ela solicita ao Cardeal Damasceno, de 88 anos, que permaneça ainda alguns meses à frente do comissariado – embora ele mesmo tenha admitido que já nem há mais o que fazer.

É de se perguntar ainda se carta da Irmã Brambilla é válida, pois mais uma vez se dirige aos Arautos do Evangelho como “associação pública”, sendo que é uma associação privada. Este é um grave problema que gerou um imbróglio tal que o dicastério teve que alterar o decreto de instituição do comissariado, recorrendo a meios escusos e fraudulentos para a sua execução, conforme demonstra o referido livro.

De fato, Dom Damasceno, após tanto tempo, esforços e recursos empregados, considerando sua missão concluída, postulou o encerramento da intervenção vaticana. Mas o dicastério – como está demonstrado no livro – reagiu com contundência em 2024, afirmando não estar suficientemente satisfeito com as diligências realizadas.

Com a publicação do livro, entretanto, multiplica-se o número de autoridades – tanto civis quanto eclesiásticas – inconformes com os procedimentos dos quais têm sido alvos os Arautos, que até agora tinham observado respeitoso, embora dolorido, silêncio.

Neste contexto, o pedido de renúncia de Dom Damasceno torna agora a situação do dicastério ainda mais delicada. Confirmada esta renúncia em alguns meses, como promete a prefeita e sua secretária em carta, já não haveria mais nenhum membro do Comissariado dentre os que foram nomeados pelo próprio dicastério. Depois de um “comissário comissariado”, temos então agora um “comissariado descomissariado”. Quando chegaremos ao descomissariado puro e simples?

Em suma, o que virá em seguida? É presumível que Dom Damasceno tenha apresentado sua renúncia também para Sua Santidade, o Papa Leão XIV. Seguirá o Santo Padre os ditames do dicastério que pede ainda mais “alguns meses”? A questão é que o comissariado neste ponto já não está num “estaleiro” como ilustra o livro-dossiê, mas já verdadeiramente naufragou.

A aceitar definitivamente a renúncia, como se procederá? Com ainda maior animosidade ideológica? Se, como se rumoreja agora, o dicastério nomear novos comissários mais a seu gosto – isto é, ainda mais violentos, e abusadores do poder que seus predecessores –, estará confirmando tudo quanto o livro descreveu como linha delituosa de ação. Resta ainda saber quem estaria disposto a assumir tão complexo encargo... Parece ser cada vez mais difícil encontrar candidatos ao naufrágio. Um dos fortes candidatos, Mons. Jordi Bertomeu, que já prometeu publicamente que as suas próximas vítimas seriam os Arautos do Evangelho, encontra-se agora imerso num escândalo mundial.

Por outro lado, será que é a intenção mesma do dicastério deixar tudo num infinito banho-maria? Se assim for, persistirá na atitude inexplicável e insustentável do ponto de vista jurídico também confirmando as denúncias do livro-bomba, que elucida a tática de asfixia vocacional por eterna dilação.

Deste modo, o pedido de renúncia de Dom Damasceno transformou o contexto de efervescência mundial num beco sem saída para o dicastério, principalmente na pessoa de sua prefeita, a Ir. Simona Brambilla, que decidiu alinhar seu proceder ao do Cardeal João Braz de Aviz, herdando dele tanto a ideologia bitolada quanto a antipatia geral da qual gozava o ex-prefeito. Diante de tanta complicação, optará ela também pela via da desistência? Ou seguirá a via do ex-prefeito no “grave abuso de autoridade” e na “grave violação do segredo de ofício”, conforme aponta o art. 65 do hoje conhecido Regulamento do Corpo da Cúria Romana?

Seja como for, os Arautos do Evangelho têm se mostrado confiantes, pois como disse São Tomás de Aquino “quem fala a verdade, não pode ser vencido, independentemente com quem se dispute” (Super Iob, cap. 13, l. 2, n. 229). E embora sejam eles poucos comparados a todo orbe católico, possuem crescente aderência – e também inconformidade com esta situação – de uma imensa massa da opinião pública católica, sobretudo nas redes sociais. Num contexto em que Papa Leão XIV invoca sempre mais a unidade e a paz, o dicastério estará disposto a contrariá-lo e trazer ainda mais efervescência para a Igreja Católica? Não será a hora de Leão XIV dar um basta nesta situação?

Por Luis Fernando Ribeiro

Fonte: Gaudium Press

NOTA DE IMPRENSA SOBRE O LIVRO “O COMISSARIADO DOS ARAUTOS DO EVANGELHO”

12 de Novembro de 2025 às 20:22

"Punidos, sem diálogo, sem provas, sem defesa."

A notícia acerca da publicação do livro "*O Comissariado dos Arautos do Evangelho*" correu como centelha pelos meios de informação internacionais. Tal celeridade, prova da atualidade do tema, apresenta o risco de ignorar os motivos que determinaram a elaboração da obra, levando a julgá-la sumária e injustamente. Há mais de oito anos, com efeito, a Associação Privada Internacional Arautos do Evangelho, e também as duas Sociedades de Vida Apostólica dela surgidas, vêm sendo submetidos a prolongada intervenção do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Esta inexplicável e constringedora situação suscitou, como é óbvio, perplexidade por parte dos que seguem ou confiam na instituição. Por isso, por dever moral, os Arautos foram impelidos a oferecer-lhes os devidos esclarecimentos. Estava em jogo não apenas a boa fama da instituição e de seus membros – comprometida pelas sombras de dúvidas provocadas pela campanha de calúnias contra a instituição –, mas também a reputação da própria Igreja Católica. Até agora em silêncio obsequioso, devido ao escândalo que poderia produzir, uma comissão de Arautos com a devida preparação acadêmica elaborou, por fim, este trabalho sob a coordenação do Prof. Dr. José Manuel Jiménez Aleixandre, Doutor em Direito Canônico pelo *Angelicum* de Roma e Ir. Dra. Juliane Vasconcelos

Almeida Campos, doutora em Filosofia. A obra pretende relatar desapassionadamente os fatos ocorridos ao longo do período em tela.

Apoiada em sólidos e abundantes documentos, a narração é, de um lado, um dever de justiça, já que o prolongamento da situação poderia suscitar suspeitas infundadas sobre a existência de graves delitos na Instituição e, de outro lado, é também um ato de legítima defesa, em vista dos prejuízos acumulados: quase trinta diáconos, por exemplo, não podem ser ordenados sacerdotes; sete turmas de seminaristas ainda não puderam aceder ao diaconado; muitos outros membros estão impedidos de realizar os votos perpétuos ou temporários. Juntem-se ao quadro, os aspirantes que não podem ser admitidos e os adolescentes, com respectivas famílias, que viram truncadas suas aspirações com a suspensão do projeto educativo promovido pelos Arautos do Evangelho. Por fim, acrescentem-se as variadas violações às leis canônicas detalhadas na obra como grave motivação para a sua redação.

O livro em questão, portanto, não é um ataque ou um protesto, nem visa lesar a ninguém. Trata-se de uma mera obra tutelar, acarretada por deveres de consciência, de justiça e de amor à Igreja, com o objetivo, entre outros, de que os descomedimentos de que os Arautos foram vítimas não tornem a se repetir, em prol da justiça e da equânime reparação. – Fonte: Site Arautos do Evangelho

Desconcerto entre Ir. Simona Brambilla e Cardeal Damasceno? Ilustração de um Comissariado

Os últimos fatos ocorridos entre a Prefeita do Dicastério dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Ir. Simona Brambilla, e o Cardeal Raymundo Damasceno Assis parecem ilustrar o percurso de um Comissariado: confuso, precipitado e marcado por erros.

Prendendo atto del discernimento da Lei compiuto e delle motivazioni da Lei presentate, questo Dicastero Le chiede di attendere ancora qualche mese prima di accogliere la Sua rinuncia all'incarico di **Commissario Pontificio** della Società di vita apostolica femminile *Regina Virginum*, della Società di vita apostolica clericale *Virgo Flos Carmeli*, e dell'Associazione internazionale pubblica *Araldi del Vangelo*.

La ringraziamo sentitamente per la Sua disponibilità e per il contributo da Lei generosamente offerto in questa delicata vicenda.

Assicurando il ricordo nella preghiera La saluto fraternamente nel segno della *speranza che non delude*.

Sr. Simona Brambilla
Sr. Simona Brambilla, M.C.
Prefetta

Sr. Tiziana Merletti
Sr. Tiziana Merletti, S.F.P.
Secretario

A Sua Eminenza Reverendissima
Il Sig. Card. **Raymundo Damasceno Assis**
Comissario Pontificio
BRASILIA

A Rev.^{da} Ir. Simone Brambilla, primeira mulher à frente de um Dicastério do Vaticano, herdou a tarefa de gerir os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, e os milhares de seus membros.

Sua postura vem consolidando, entretanto, um modo de agir restritivo e pouco afeito à escuta, bastante afim com o do anterior prefeito, o Cardeal João Braz de Aviz, e que não deixa de levantar suspeições.

Fatos ligados ao Commissariado dos Arautos do Evangelho – já amplamente divulgados pela imprensa católica – têm evidenciado tal *modus operandi* pautado pela falta de transparência e irregularidades canônicas.

Nessa esteira, o recente pedido de renúncia de D. Raymundo Damasceno como Comissário Pontifício dos Arautos do Evangelho, dirigido à Ir. Simona Brambilla,[1] parece ter trazido à tona a insatisfação do purpurado brasileiro para com o Dicastério Romano, evidenciando um ponto de inflexão sem precedentes em todo este “*affaire*”.

Efetivamente, depois de um exaustivo trabalho de acompanhamento do Cardeal Damasceno, sintetizado em um relatório de cerca de sessenta páginas e com farta documentação anexa,[2] e que visava enclausurar o Commissariado, a atitude do Dicastério foi intrigante: Ir. Simona Brambilla sequer quis receber o Eminentíssimo Cardeal em Roma e delegou que uma secretária o fizesse.

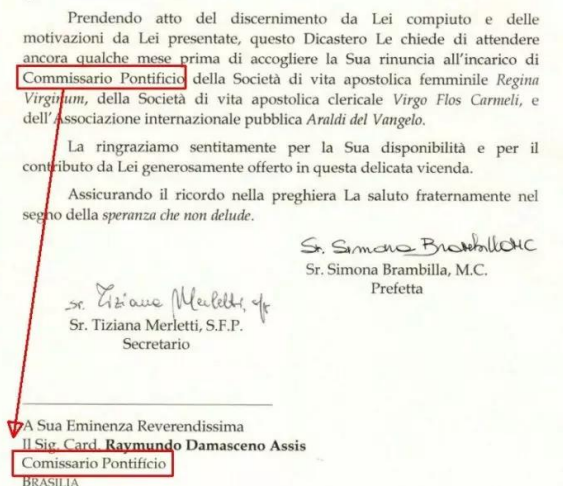
Mas, para além dessa atitude esquivada, causou maior perplexidade o fato de a Prefeita, dias atrás, haver postergado o pedido de renúncia do próprio D. Damasceno, gerando grande desconcerto.

Ora, o desarranjo entre a Ir. Simona e o Cardeal Damasceno revela não apenas uma desarmonia de pontos de vistas – em que se pretende jogar mais ou menos baseado pelo Direito Canônico ou principalmente segundo uma concepção ideológica –, mas, acima de tudo, aponta uma situação de desarmonia nos estamentos vaticanos.

Com efeito, movidos às vezes por certa ingenuidade, somos levados a crer que as atividades naqueles dicastérios, ainda, correm de modo organizado e bem estruturado como foi outrora; entretanto, os fatos parecem demonstrar bem o contrário.

Cito um minúsculo exemplo.

O referido comunicado de não aceitação da renúncia de D. Damasceno, assinado pela prefeita do Dicastério, a Rev.^{da} Ir. Simone Brambilla, e a secretária, a Rev.^{da} Ir. Tiziana Merletti, esteve pautado por erros primários de datilografia e idioma: a palavra *commissario* (em italiano) escreve-se com dois “m”; *pontificio* não leva acento, nesse mesmo idioma (poder-se-ia pensar que se tratasse da língua portuguesa, mas, mesmo assim, faltaria acento em “comissário”), e, ademais, *segretario* vem grafado como em espanhol, e não como em italiano...



No entanto, erro ainda pior, de caráter material, é o fato de a *Associação Privada de Fiéis Arautos do Evangelho* haver sido contemplada como *Associação Pública*. Em outras palavras, uma imperícia canônica incontestável.[3]

De repente, a inesperada atitude do purpurado brasileiro tenha tomado a muitos de surpresa, inclusive ao próprio Dicastério, que estava decidido a prolongar indefinidamente a situação de “ponto morto” em que se encontravam as coisas, ocasionando assim uma resposta prematura e redigida às pressas.

Seja como for, e, presumivelmente, sem o pretender, postergando “por alguns meses” a petição de renúncia de D. Damasceno, Ir. Brambilla oferta ao cardeal a possibilidade de, ao fim de uma longa carreira eclesiástica, ele fazer prevalecer em todo este caso a virtude que deveria caracterizar todos quantos nele estão inseridos, e que é a justiça.

Porém, depois de “entornado o caldo”, estará a Ir. Brambilla disposta a, agora, ouvir o que lhe tem a dizer o Comissário Pontifício que acompanhou a Instituição ao longo desses últimos seis anos?

Fato é que o fechamento ao diálogo por parte do Dicastério chefiado pela Ir. Simona tem recrudescido dia a dia para com os Arautos e até mesmo para com o próprio D. Raymundo Damasceno, visto que já não se obtém nenhum gênero de resposta, seja qual for a natureza do assunto, nem mesmo para debater o relatório de conclusão do Comissariado, fornecido há mais de seis meses pelo próprio Comissário. Onde está aquela “escuta ativíssima” como sinal para a vida consagrada?[4]

Tais atitudes, ao fim e ao cabo, acabam por ilustrar o quanto este Comissariado foi (e continua sendo) precipitado no vazio.

Mas importa, nesse imbróglio todo, confiar nas tão acertadas palavras proferidas pelo Santo Padre Leão XIV em sua recente catequese: “A paz que Jesus traz é como um fogo e exige muito de nós! Pede-nos, acima de tudo, que *assumamos uma posição*. Perante as injustiças, as desigualdades, onde a dignidade humana é espezinhada, onde os frágeis são privados da palavra: *assumir uma posição*. Esperar é assumir uma posição! Esperar é compreender no coração e mostrar nos acontecimentos que a realidade não deve continuar como antes. Também este é o fogo bom do Evangelho!”[5]

Que posição tomará os que, até o momento, se têm mostrado surdos a escutar? Darão ouvidos, ao menos, aos ensinamentos de Leão XIV?

Tendo padecido longos anos de descomedimentos que já beiram as raias da litigância de má-fé, as verdadeiras vítimas de todo este caso deixam claro que “não se deve continuar como antes”, porque, do contrário, o sistema forjado para fazer abafar e calar os membros sãos da Igreja acabaria, por fim, prejudicando a ela própria.

E prejudicar a Igreja seria, em última análise, faltar com a justiça.

Por Thiago Corrêa

[1] Conforme prevê o Código de Direito Canônico, (cf. cân. 187): “Qualquer um, cômico de si, pode renunciar a um ofício eclesiástico por justa causa”.

[2] Conforme a nota de imprensa divulgada pelos Arautos do Evangelho: “O documento presta contas a respeito de todos os pontos levantados ao longo da intervenção, seja no tocante ao setor financeiro, com pareceres de Mons. Nereudo Freire Henrique – à época Ecônomo da CNBB –, seja ao jurídico, com pareceres do Dr. Hugo José Sarubbi Cysneiros – assessor jurídico do Comissariado, que exerce o mesmo cargo também junto à CNBB e à Nunciatura Apostólica do Brasil –, seja, finalmente aos outros assuntos concernentes ao Comissariado, como o pedido de ordenação dos diáconos, entre outros”. (cf. <https://www.arautos.org/arautos/o-porque-do-livro-sobre-o-comissariado-dos-arautos-silencio-prolongado-duvidas-inevitaveis>)

[3] Apesar de se tratar aqui de uma mera correspondência, e não um Decreto, tal erro canônico já havia sido cometido pelo mesmo Dicastério em decretos anteriores do Comissariado, resultando na invalidez de seu teor. Este importante pormenor pode ser verificado no livro “*O Comissariado dos Arautos do Evangelho*” (págs.133-138).

[4] <https://www.agensir.it/chiesa/2025/11/04/meno-numeri-piu-cuore-suor-simona-brambilla-rilancia-la-profezia-della-vita-consacrata/>

[5] Leão XIV. *Catequese*. Praça de São Pedro, 22 de nov. de 2025. <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/audiences/2025/documents/20251122-udienza-giubilare.html>. (Cursivas pessoais).

Fonte: Gaudium Press

Casamento é só a união entre um homem e uma mulher, diz cardeal Fernández

Por Victoria Cardiel

O cardeal Víctor Manuel Fernández, prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé, apresentou o documento *Una caro (uma só carne): Elogio à monogamia* e disse que, na concepção católica, “o matrimônio é uma união entre um homem e uma mulher, exclusiva e indissolúvel”.

“Esse é o conceito, se quisermos falar de casamento em relação à natureza dessa realidade, que é a união”, disse o cardeal. “Ou seja: se é coabitação, não é casamento; se não é entre um homem e uma mulher, não é propriamente um casamento; se não é exclusivo — se é entre quatro ou cinco pessoas — não é casamento; e se não é indissolúvel — se é feito por um tempo determinado — não é casamento”.

Ele disse que para falar sobre outros tipos de relacionamento "temos que encontrar outra palavra" e não usar a palavra casamento porque, por sua "própria natureza, é isso que vale".



*O prefeito do Dicastério para a Doutrina da Fé, cardeal Víctor Manuel Fernández, hoje (25) na apresentação do documento *Una caro (uma só carne): Elogio à monogamia*. | Daniel Ibáñez/ EWTN News*

Fernández disse que isso não significa que “valores não existam em outros contextos”. O cardeal disse que os princípios de ensino derivados desse texto podem ser aplicados a outros tipos de relacionamento. “Paciência, respeito e assim por diante”, disse o prefeito do dicastério. “Isso também se aplica a relacionamentos entre amigos; aplica-se a outros tipos de relacionamento”.

Segundo ele, *Una caro (uma só carne): Elogio à monogamia* pode ser útil “também para celibatários”.

“Quando falamos de respeito, de aceitação, certamente isso se aplica a nós também”, disse o cardeal, falando sobre os sacerdotes que professaram um voto de castidade.

“Como sacerdote, não posso esperar preencher minha solidão usando outra pessoa — isso também se aplica aqui”, disse ele. “É aí que surgem os abusos: meu sentimento de vazio, de solidão, meus problemas psicológicos devem ser resolvidos de outro modo; devo buscar outros caminhos, não outra pessoa que possa satisfazer essas necessidades”.

Recursos para chegar a valorizar a monogamia como um ideal cristão

Fernández disse que o documento publicado sobre o matrimônio e a vida conjugal não pretende emitir condenações, mas oferecer critérios pastorais capazes de motivar as comunidades, especialmente na África, a valorizar a monogamia como um ideal cristão.

O cardeal disse que por trás do documento existe “um amplo processo de escuta, especialmente dos bispos africanos”, que têm preocupação com as dificuldades pastorais relacionadas à poligamia.

“Eles mesmos nos disseram que não conseguiam motivar os jovens a se casarem exclusivamente e que, quando se davam conta disso, o rapaz que havia sido crismado por eles já tinha quatro ou cinco mulheres. Chegavam tarde”, disse o cardeal.

Assim, alguns bispos africanos pediram ao dicastério que “preparasse material rico, não necessariamente para leitura direta por jovens, porque alguns textos são complexos, mas para que bispos e párocos pudessem promover a monogamia”.

“O objetivo não era falar contra a poligamia, mas promover a monogamia”, disse o cardeal Fernández.

O cardeal disse que o problema não é exclusivo da África. Com um tom irônico, ele falou sobre um comentário que ouviu quando era estudante em Roma, quatro décadas atrás: “Dizia-se que os romanos tinham suas mulheres, mas que a maioria também tinha outra mulher e até mesmo um homem. Não sabia se ria ou chorava. Falamos de poligamia na África, mas existem outros modos, menos explícitos, de violar a monogamia, que são igualmente ofensivos à vida das mulheres”.

Cada país africano é diferente e "deve estudar o problema conforme seu contexto"

O cardeal Fernández disse que as conferências episcopais africanas, organizadas em torno do Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagascar, vêm refletindo sobre o assunto há algum tempo e pediram um trabalho conjunto com a Santa Sé.

“Elas propuseram estudar a questão da poligamia em diálogo com o nosso dicastério”, disse o cardeal. “Já apresentaram um relatório preliminar, que nos enviaram antes da submissão oficial, e sugerimos alguns pontos para reflexão posterior”.

Fonte: ACIDigital

Santa Sé defende monogamia e que ‘energia erótica’ seja direcionada para a ‘abertura ao divino’



Família. Imagem referencial. | Patrícia Prudente/Unsplash.

Por Victoria Cardiel

Num documento intitulado *Una caro (uma só carne): Elogio à monogamia*, o Dicastério para a Doutrina da Fé apresenta uma reflexão teológica sobre o valor do casamento contra a poligamia, e outras uniões não-monogâmicas, como o "poliamor", que, segundo o documento, estão "crescendo no Ocidente".

“A poligamia, o adultério ou o poliamor se fundamentam na ilusão de que a intensidade da relação possa ser encontrada na sucessão de rostos”, diz a Santa Sé. Para ilustrar isso metaforicamente, o texto cita o mito de Don Juan, que demonstra que “multiplicar parceiros numa suposta união total significa fragmentar o significado do amor conjugal”.

O texto também se baseia em vários poemas sobre o amor de figuras da literatura mundial, como os escritores Walt Whitman, que era homossexual, Pablo Neruda, que era comunista, Rabindranath Tagore, que era hindu, e Emily Dickinson, e de filósofos como o dinamarquês Søren Kierkegaard, ambos protestantes.

O texto, assinado pelo papa Leão XIV, não fala sobre questões como a indissolubilidade do matrimônio ou a finalidade da procriação, mas se concentra em aprofundar a compreensão do matrimônio como uma comunhão integral: “Uma comunhão de amor e vida que os dois cônjuges compartilham, uma comunhão que não se orienta só para a procriação, mas também para o bem integral de ambos”.

Desde as primeiras páginas do documento, enfatiza-se que "entendida corretamente, a monogamia não é simplesmente o oposto da poligamia".

Inspirando-se no magistério do papa João Paulo II, a Santa Sé diz que “só a monogamia garante que a sexualidade se desenvolva dentro de um quadro de reconhecimento do outro como sujeito com quem se compartilha a vida integralmente”, visto que a união sexual “pode tratar o outro precisamente como pessoa, isto é, como participante do amor e não como objeto de uso, só se se desenvolver no âmbito de uma relação única e exclusiva”.

“Só podem existir duas pessoas que se entregam plena e completamente uma à outra”, diz o texto, depois de dizer que, em relacionamentos não monogâmicos, todos “seriam tratados como meios e não como pessoas”.

Sexualidade: plena e aberta à vida

O texto diz que inserir a sexualidade na estrutura de um amor que “une os cônjuges numa única amizade” não implica uma “desvalorização do prazer sexual”. Pelo contrário, “ao orientá-lo para a doação de si, ele não só é enriquecido, como também aprimorado”.

Assim, “a sexualidade deixa de ser a satisfação de uma necessidade imediata e passa a ser uma escolha pessoal que expressa a totalidade da pessoa”.

A Santa Sé critica a cultura contemporânea que reduz a sexualidade ao consumo: “Vários problemas surgiram de uma busca excessiva e descontrolada pelo sexo ou da simples negação da sua finalidade procriativa”.

A Santa Sé defende a abertura à vida na união sexual como uma expressão de “caridade conjugal”. A união sexual, diz o documento, “deve naturalmente permanecer aberta à comunicação da vida, embora isso não signifique que deva ser um fim explícito de todo ato sexual”.

De uma perspectiva antropológica, o documento diz que “a defesa da monogamia é também uma defesa da dignidade da mulher”, já que “a unidade do matrimônio implica, portanto, uma livre escolha por parte da mulher, que tem o direito de exigir reciprocidade exclusiva”.

No mundo das redes sociais, “proliferam as violências simbólicas e sexuais”

A Santa Sé fala que para preservar a “possibilidade do amor fiel e monogâmico” é necessário educar. O texto diz que “o universo das redes sociais, onde o pudor desaparece e proliferam as violências simbólicas e sexuais, mostra a urgência de uma nova pedagogia”.

Assim, o namoro surge como uma etapa formativa na qual “o outro é acolhido como uma promessa de infinitude”. Assim, “a educação para a monogamia não é uma coerção moral, mas uma iniciação à grandeza de um amor que transcende a imediatidade”.

Essa educação, como diz o texto, “direciona a energia erótica para uma sabedoria da duração e para uma abertura ao divino”.

Assim, o texto diz que a monogamia não é “arcaica, mas profética”, e revela que o amor humano, vivido em sua plenitude, de certo modo antecipa o próprio mistério.

Fundamentos teológicos e tradição espiritual

O texto oferece uma visão abrangente da tradição cristã que defendeu e refletiu sobre a unidade conjugal. Entre as várias referências patrísticas, destaca-se São João Crisóstomo, que via na unidade conjugal um antídoto para a “gratificação sexual desenfreada, sem amor ou fidelidade”.

O texto fala também sobre o magistério do papa Leão XIII, para quem a monogamia tinha uma “defesa da dignidade da mulher, que não pode ser negada ou desonrada nem mesmo pelo desejo de procriar”.

Ele diz que a monogamia “anda de mãos dadas com o monoteísmo” e que, embora não se baseie no Antigo Testamento, “Jesus restaura a validade do plano original de Deus, indo além da norma dada por Moisés”.

“O casamento cristão, em sua autenticidade e plenitude, é, portanto, um sinal da nova aliança cristã”, diz o texto.

O adultério é a “antítese do casamento”

Citando o Catecismo da Igreja Católica, o texto fala sobre o “drama” daqueles que, desejando se converter ao Evangelho, precisam lidar com situações familiares complexas. Além da África, o documento volta sua atenção para a Ásia. Especificamente, na Índia, embora “a monogamia tenha sido geralmente a norma e considerada um ideal na vida matrimonial”, a poligamia persistiu ao longo de vários períodos.

Dizendo que o adultério é a “antítese do casamento”, o texto exorta para que se acolha com sensibilidade pastoral os que “compartilharam anos de vida conjugal” em estruturas não monogâmicas.

O documento diz que essa chamada “pertinência mútua” é uma dinâmica permanente, não limitada pela passagem do tempo ou pela fragilidade da carne. O texto diz que “com o passar do tempo, mesmo quando a atração física e a possibilidade de relações sexuais diminuem, a pertinência mútua não está destinada a se dissolver”.

O documento diz que “a opção pela união dos dois é modificada, transformada”, sem perder seu caráter exclusivo.

As doenças da posse indevida do outro

Em contraste com essa visão do amor como respeito e reconhecimento do outro, o texto fala sobre as distorções que surgem quando essa convicção se perde. “Quando essa convicção, característica do verdadeiro amor que se detém diante da dimensão sagrada do outro, está ausente, os males de uma posse indevida do outro se desenvolvem facilmente: manipulação, ciúme, humilhação, infidelidade”, diz o documento.

O texto diz que o pertencimento autêntico envolve um delicado equilíbrio entre união e liberdade: “O pertencimento mútuo próprio do amor recíproco exclusivo implica um cuidado delicado, um santo temor de profanar a liberdade do outro, que tem a mesma dignidade e, portanto, os mesmos direitos”.

O documento condena explicitamente qualquer uso do outro como mero instrumento. “Aqueles que amam sabem que o outro não pode ser um meio para resolver suas próprias insatisfações; sabem que seu vazio deve ser preenchido de outras maneiras, nunca pela dominação do outro”, diz o texto, alertando que muitos desejos doentios levam à “violência explícita ou sutil, opressão, pressão psicológica, controle e, em última instância, sufocamento”.

“Devemos reagir a tempo, antes que surjam maneiras de manipulação ou violência”

Para evitar essas dinâmicas destrutivas, o documento diz que “não existe um modelo único de reciprocidade conjugal”. O texto incentiva a intervenção quando surgirem sinais de deterioração: “Quando, em vez de uma saudável relação de pertencimento mútuo — embora ela sempre exija paciência e generosidade —, manifestam-se sinais de irritação e até mesmo desrespeito por parte do cônjuge, é necessário reagir prontamente antes que surjam manipulação ou violência”.

Nessa “reação” há um ato de autoafirmação. O documento propõe uma fórmula poderosa: “A pessoa deve afirmar sua dignidade, estabelecer os limites necessários e iniciar um caminho de diálogo sincero, para que uma mensagem clara seja expressa: ‘Você não me possui, você não me domina’”. O documento também alerta que essa atitude é um ato de amor, porque “na lógica da dominação, até mesmo quem domina acaba negando a própria dignidade”.

A monogamia, portanto, é concebida como um encontro entre duas liberdades, “deixando sempre intacto um limite que não pode ser ultrapassado, que não pode ser cruzado com a desculpa de alguma necessidade, de uma ansiedade pessoal ou de um estado psicológico”.

A exclusividade do casamento “não é uma posse”

A maturidade conjugal envolve compreender que a exclusividade do casamento “não é uma posse, mas sim abre muitas possibilidades”. Entre elas, está o respeito ao espaço pessoal, inclusive a segredos legítimos: “Por exemplo, um dos dois pode pedir um momento de reflexão, ou algum espaço regular para solidão ou autonomia, ou rejeitar a intrusão do outro em algum aspecto de sua privacidade, ou manter um segredo pessoal guardado no santuário íntimo de sua consciência, sem ser seguido ou observado”.

E, apesar da união plena, o texto diz que “o casamento não nos liberta completamente da solidão, porque o cônjuge não pode alcançar um espaço que só pode pertencer a Deus, nem preencher um vazio próprio que nenhum ser humano é capaz de preencher”.

O documento diz que “toda relação amorosa clama silenciosamente pela presença de um Terceiro infinito, que é o próprio Deus”.

A caridade conjugal, uma força motriz para o crescimento

O segundo conceito-chave apresentado pela Santa Sé é a “caridade conjugal”, que se centra na vontade: “Ela se expressa na ação da vontade que deseja, escolhe alguém, decide entrar em comunhão íntima com essa pessoa e se une livremente a ela”. Mesmo quando os ritmos corporais mudam, “a união afetiva permanece, às vezes com grande intensidade, na vontade”.

Daí a fidelidade nas provações: “Só assim é possível manter a fidelidade em tempos adversos ou em tentação, porque a caridade nos mantém ligados a um valor superior à satisfação das necessidades pessoais”.

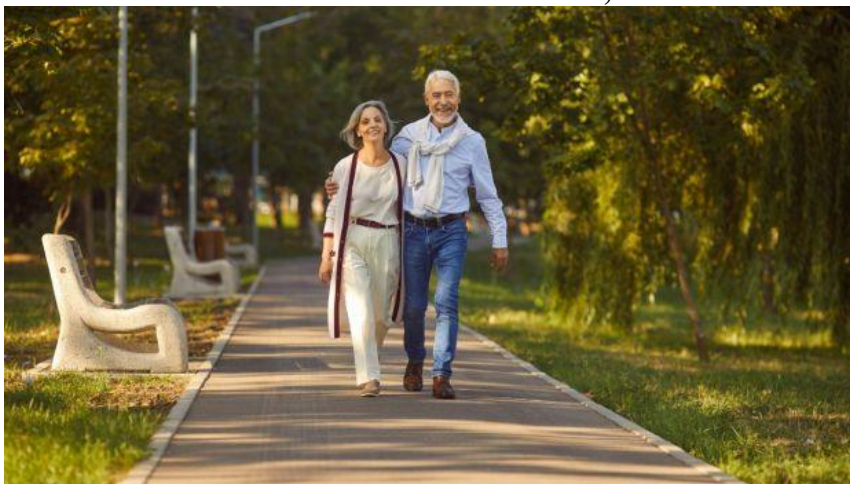
O documento fala sobre os vários sinais do dia-a-dia desses casais: “Os numerosos testemunhos de casais em que os cônjuges se apoiaram mutuamente (...) testemunhando assim a importância profética da monogamia”.

Por fim, a Santa Sé adverte que os casais que formam um “nós” defensivo são, na realidade, “maneiras idealizadas de egoísmo e mera autoproteção”. Assim, o texto alerta contra “o risco da

endogamia, ou seja, um nós fechado, que contradiz a própria natureza da caridade e pode feri-la mortalmente”.

Fonte: ACIDigital

Essa atividade física retardaria o Alzheimer, de acordo com Harvard



*Caminhar, mesmo que um pouco, poderia atrasar o declínio cognitivo por vários anos em idosos em risco de doença de Alzheimer. É o que afirmam pesquisadores de Harvard em um novo estudo publicado em 3 de novembro na *Nature Medicine*.*

Shutterstock

La maladie d'Alzheimer touche aujourd'hui près d'un million de Français.

Anna Ashkova

Se alguns passos todos os dias fossem suficientes para manter a memória e a clareza de espírito? Isso é o que sugere um novo estudo publicado em 3 de novembro pela revista *Nature Medicine*. Conduzida pela Harvard Medical School e pelo Massachusetts General Hospital, ela afirma que caminhar de 30 a 60 minutos por dia retardaria o declínio cognitivo por vários anos em pessoas que correm o risco de desenvolver a doença de Alzheimer.

Caminhar, um gesto simples com efeitos poderosos

A doença de Alzheimer afeta agora quase um milhão de franceses, de acordo com a Fundação Vaincre Alzheimer. Embora não haja uma cura curativa para essa doença, os cientistas estão procurando maneiras de retardar sua progressão, e fazer exercícios suficientes parece ser essencial. E a boa notícia é que a solução está ao seu alcance, ou melhor, a pé. Cientistas de Harvard, que observaram 296 pessoas de 50 a 90 anos por quatorze anos como parte do *Harvard Aging Brain Study*, afirmam que as pessoas que andaram entre 3.000 e 5.000 passos por dia viram seu declínio cognitivo retardado em uma média de três anos, ou até sete anos para aqueles que atingiram 5.000 a 7.500 passos diários.



Shutterstock

"Nossos resultados sugerem que um aumento, mesmo modesto, na atividade física pode estar associado à atenuação do acúmulo de proteína tau e do declínio cognitivo em pessoas sedentárias com uma trajetória pré-clínica da doença de Alzheimer", dizem os autores do estudo. Em outras palavras,

mover-se ajuda o cérebro a se proteger. Uma caminhada diária se tornaria assim uma espécie de ginástica interior, entre respiração, oxigenação e estimulação suave dos circuitos da memória.

"A caminhada não é apenas médica, é também mística. Eu paio quando ando nos cumes do Luberon, acima da minha aldeia de Mérindol, sentindo alguns dias, não estou brincando, o sopro dos anjos no meu pescoço. Como permanecer ateu depois de tal jornada?", disse Franz-Olivier Giesbert em *Le Point* em 27 de julho de 2017. Nesse sentido, caminhar também é benéfico para a alma. Cada passo pode ser uma oferta, um louvor silencioso do corpo a Deus. Também pode ser uma oportunidade para agradecer a Deus pela Criação, fazer uma oração ou até mesmo ouvir canções de louvor.

Fonte: Aleteia

Cartas para Deus



Yuganov Konstantin - Shutterstock

Prof. Felipe Aquino - publicado em 30/07/18 - atualizado em 25/11/25

Cartas reais para Deus escritas por crianças

1. Querido Deus, eu não pensava que laranja combinava com roxo até que eu vi o pôr-do-sol que Você fez terça-feira. Foi demais! (Eugene).

2. Querido Deus, você queria mesmo que a girafa se parecesse assim ou foi um acidente? (Norma).

3. Querido Deus, em vez de deixar as pessoas morrerem e ter que fazer outras novas, por que você não mantém aquelas que Você tem agora? (Jane).

4. Querido Deus, quem desenha as linhas em volta dos países? (Nancy).

5. Querido Deus, eu fui a um casamento e eles beijaram dentro da igreja. Tem algum problema com isso? (Neil).

6. Querido Deus, obrigado pelo meu irmãozinho, mas eu orei por um cachorrinho. (Joyce).

7. Querido Deus, choveu o tempo todo durante as nossas férias e, como meu pai ficou zangado, ele disse algumas coisas sobre você que as pessoas não deveriam dizer, mas eu espero que você não vá machucá-lo. (Seu amigo – mas eu não vou dizer quem eu sou).

8. Querido Deus, por favor, me mande um Pônei. Eu nunca te pedi nada antes, Você pode checar. (Bruce).

9. Querido Deus, eu quero ser igualzinho ao meu pai quando eu crescer, mas não com tanto cabelo no meu corpo. (Sam).

10. Querido Deus, Eu penso em Você de vez em quando, mesmo quando não estou orando. (Elliott).

11. Querido Deus, eu aposto que é muito difícil para você amar a todas as pessoas no mundo. Na nossa família só tem quatro pessoas e eu nunca consigo... (Nan).

12. Querido Deus, de todas as pessoas que trabalharam para você, eu gosto mais de Noé e Davi. (Rob).

13. Querido Deus, meus irmãos me falaram sobre nascer de novo, mas soa muito estranho. Eles estão só brincando, não é? (Marsha).

14. Querido Deus, se Você olhar para mim na igreja domingo, eu vou te mostrar meus sapatos novos. (Mickey).

15. Querido Deus, nós vemos que Thomas Edison fez a luz. Mas na escola dominical nós aprendemos que foi Você. Eu acho mesmo que ele roubou sua ideia. Sinceramente. (Donna).

16. Querido Deus, eu não acho que alguém poderia ser um Deus melhor que Você. Bem, eu só quero que saiba que não estou dizendo isso porque Você já é Deus. (Charles).

17. Querido Deus, talvez Caim e Abel não matassem tanto um ao outro se eles tivessem seu próprio quarto. Isso funciona com meu irmão. (Eddie).

(Retirado do livro: "Histórias para Meditar". Prof. Felipe Aquino (Org.). Ed. Cléofas)

Fonte: Aleteia

Oração a Santa Catarina de Alexandria contra acidentes



By Zvonimir Athletic | Shutterstock

Reportagem local - publicado em 29/11/19 - atualizado em 25/11/25

Santa Catarina, através de um gesto de fé, conseguiu quebrar as engrenagens da máquina em que seria torturada. Por isso, tornou-se intercessora contra os acidentes de qualquer natureza

Catarina é descrita pelos registros históricos como uma jovem de dezoito anos, cristã, de rara beleza, filha do rei Costus, de Alexandria, no Egito. Muito culta, dispunha de vastos conhecimentos teológicos e humanísticos.

Viveu nos tempos difíceis do Governador romano do Egito e da Síria, Maximino, um perseguidor e exterminador de cristãos. De acordo com as narrativas, o martírio da bela cristã teve início com sua recusa a Maximino. Este, apaixonara-se por ela e precisava anular sua liderança sobre a expansão do cristianismo. Ofereceu-lhe poder e riqueza materiais e estava disposto a divorciar-se para se casar com ela, contanto que passasse a adorar outros deuses. Catarina recusou firmemente e ao mesmo tempo tentou convertê-lo, desmistificando os deuses pagãos. Sem conseguir discutir com a moça, o governador chamou sábios do reino para auxiliá-lo. Ao tentar defender suas seitas com saídas teóricas e filosóficas, acabaram sendo convertidos por Catarina. Irado, Maximino condenou todos ao suplício e à morte. Exceto Catarina, para a qual preparou algo especial. Mandou torturá-la com rodas equipadas com lâminas cortantes e ferros pontiagudos. Com os olhos elevados ao Senhor, Catarina rezou e fez o sinal da cruz. Ocorreu então o prodígio: o aparelho desmontou. Transtornado, o imperador levou-a para fora da cidade e comandou pessoalmente sua tortura e depois sua decapitação.

Ela é considerada a padroeira dos estudantes, dos filósofos e dos que trabalham com máquinas. Santa Catarina de Alexandria integra a relação dos quatorze santos auxiliares da cristandade

Oração a Santa Catarina de Alexandria - Proteção contra acidentes

*Ó Santa Catarina, vós quebrastes a roda da engrenagem das mãos dos torturadores e por isto sois invocada como **protetora contra os acidentes**; eu vos peço, protegei-me de todo e qualquer acidente.*

Acidentes de trânsito, acidentes com arma de fogo, acidentes de quedas e tombos, acidentes a pé e a cavalo, acidentes com instrumentos de trabalho, acidentes com venenos e agrotóxicos, acidentes com máquinas e explosivos, acidentes de mordidas de cobras ou aranhas, acidentes em casa, na estrada, na roça, no campo ou no mato.

***Protegei** meu corpo de todo e qualquer perigo que a cada instante estou sujeito a enfrentar.*

***Defendei** também a minha alma contra os perigos espirituais, que são tantos, em toda parte.*

***Santa Catarina, protegei-me e salvai-me. Amém!** - Fonte: Aleteia*
